C322m Carter, Betty
As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar / Betty Carter e Monica McGoldrick ; trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. — 2.ed. — Porto Alegre : Artes Médicas, 1995.

1. Terapia familiar. I. McGoldrick, Monica. I. Título.

CDU 615.851

Betty Carter
Monica McGoldrick
& Colaboradores

# As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar

## Uma estrutura para a terapia familiar

2ª Edição

Tradução:
Maria Adriana Veríssimo Veronese
Psicóloga.

PORTO ALEGRE, 1995

# 2

# As Mulheres e o Ciclo de Vida Familiar

*Monica McGoldrick, M.S.W.*

As mulheres sempre desempenharam um papel central nas famílias, mas a idéia de que elas têm um ciclo de vida à parte de seus papéis como esposa e mãe é uma idéia relativamente recente, e ainda não amplamente aceita em nossa cultura. A expectativa em relação às mulheres tem sido a de que elas cuidariam das necessidades dos outros: primeiro dos homens, depois das crianças e depois dos idosos. Até muito recentemente, o "desenvolvimento humano" referia-se ao desenvolvimento masculino, e o desenvolvimento das mulheres era definido pelos homens de suas vidas. Elas passavam de filhas a esposas, a mães, com seus *status* definido pelo homem no relacionamento, e seu papel por sua posição no ciclo de vida familiar. Raramente era aceito que elas tinham direito a uma vida própria.

Neste capítulo, enfocaremos a interação dos papéis femininos por todo o ciclo de vida, tanto em suas famílias quanto no trabalho. Esses papéis mudaram dramaticamente nos últimos anos. Desde 1980, o índice de natalidade caiu abaixo dos níveis de reposição, na medida em que mais mulheres se concentravam em trabalhos e educação. Pela primeira vez, mais mulheres do que homens matriculam-se na universidade (Bianchi & Spain, 1985). Embora o campo da terapia familiar tendesse a ignorar o contexto global do qual os padrões familiares são parte, está ficando cada vez mais óbvio que os relacionamentos familiares não podem ser separados desse contexto, que define os tipos de relacionamentos que são possíveis nas famílias, e delineia quem está disponível para participar desses relacionamentos. Podem-se ilustrar as diferenças nos papéis de homens e mulheres pelo fato de que, no mercado de trabalho americano, as mulheres ainda ganham, em média, 64 centavos para cada dólar que um homem recebe pelo mesmo trabalho. Os terapeutas de família ignoraram o contexto em que as famílias existem, focando apenas o nível interacional de seus membros, como se estes fossem partes intercambiáveis com igual controle sobre os resultados das interações familiares (Taggert, 1985; Hare-Mustin, 1987). Como Goldner (1985) afirmou, apesar da documentação dos sociólogos e demógrafos referente às diferenças entre os homens e as mulheres na participação familiar, "a categoria de gênero continua essencialmente invisível nas conceitualizações dos terapeutas de família. Essa mancha cega parece extraordinária quando consideramos a condição de combate da família contemporânea e a extensão em que as linhas de batalha se formaram ao redor de ideologias conflitantes acerca de como as relações de gênero deveriam ser estruturadas" (página 33). Goldner segue dizendo que, "como a revolução sexual, o colapso da família tradicional significou, com excessiva freqüência, um novo tipo de liberdade para os homens e um novo tipo de armadilha para as mulheres" (página 41).



Por mais difícil que seja, para muitas mulheres, aderir aos padrões tradicionais, mudar o *status quo* também é extremamente doloroso para elas. Mesmo quando as mulheres se rebelam contra ter de assumir a total responsabilidade por manter os relacionamentos familiares e por conservar tradições e rituais, tais como feriados e outras celebrações, elas sentem-se culpadas, de modo típico, quando não continuam a fazer aquilo que cresceram julgando ser sua obrigação. Quando ninguém mais entra para preencher a lacuna, elas sentem que a solidariedade da família está sucumbindo, e que a culpa é delas.

Ser parte de uma família e depois viver a dissolução dessa família possui implicações diferentes para homens e mulheres. Como Jessie Bernard (1982) descreveu, o casamento "dele" é muito diferente, e muito mais satisfatório, do que o casamento "dela". Embora os homens permaneçam ambivalentes em relação a casar-se, temendo "cair numa armadilha", são as mulheres que se tornam mais sintomáticas e mais predispostas ao estresse no estado casado, por virtualmente todos os indicadores. As pesquisas revisadas em vários lugares sugerem fortemente que as mulheres casadas apresentam mais sintomas do que os homens casados ou as mulheres solteiras (Brodsky & Hare-Mustin, 1980; Baruch e colaboradores, 1983; Bernard, 1982; Avis, 1985). Elas experenciam mais depressão e maior insatisfação conjugal. As mulheres, nos relacionamentos conjugais tradicionais, também apresentam um estado de saúde física pior, menor auto-estima, menos autonomia, e um pior ajustamento conjugal do que as mulheres em relacionamentos de maior igualdade (Avis, 1985).

As mulheres estão expostas a índices mais altos de mudança e instabilidade em suas vidas do que os homens (Dohrenwend, 1973) e são mais vulneráveis aos estresses de ciclo de vida, em virtude de seu maior envolvimento emocional com as vidas daqueles que as cercam. Elas são mais responsivas a uma rede maior de pessoas pelas quais se sentem responsáveis. Sua sobrecarga de papéis as deixa ainda mais sobrecarregadas quando acontecem os estresses imprediziveis, tais como doenças, divórcio ou desemprego. Isso significa que elas ficam duplamente estressadas — estão expostas aos estresses de uma rede maior e são emocionalmente mais responsivas a eles (Gove, 1972). Kessler e McLeod (1984) descobriram que as mulheres são muito mais afetadas do que os homens pela morte de uma pessoa amada e por outros eventos da rede. Os homens respondem menos aos eventos em suas redes e realmente prestam menos atenção a esses estresses. A literatura de busca de ajuda indica que as pessoas que estão precisando de apoio emocional procuram as mulheres, com maior freqüência, como confidentes, e dessa forma elas ficam submetidas a exigências ainda maiores de cuidados. Às vezes, suas redes são tão exigentes, que pode ser necessário romper certas relações para o bem de sua saúde mental (Cohler & Lieberman, 1980; Belle, 1982). Conforme Avis (1985) resume a pesquisa, "Muitos autores concluíram que a aderência aos papéis familiares tradicionais não apenas oprime as mulheres, mas pode ter um pernicioso efeito sobre todos os membros da família, sobre os relacionamentos conjugais e sobre o funcionamento familiar" (página 131).

Nos últimos anos, as mulheres têm casado mais tarde, tido menos filhos e se divorciado mais (50%). Aquelas com melhor formação profissional e melhor salário são as que mais se divorciam e as que menos casam novamente, ao contrário dos homens, entre os quais os mais ricos e com melhor instrução são os que mais permanecem casados ou recasam rapidamente. Geralmente é a mulher que cai para o nível da pobreza se o casal se divorcia, pois ela sofre uma queda média de 40% nos rendimentos, ao passo que o rendimento do homem aumenta cerca de 17%. No presente, 75% dos pobres são mulheres ou crianças, a maioria vivendo em lares de um único progenitor. Depois do divórcio, os homens têm um grupo ainda maior de mulheres casadoiras entre as quais escolher. No primeiro casamento, comumente a mulher é três anos mais jovem do que o marido; nos segundos casamentos, a mulher, em média, é seis anos mais jovem do que o marido (Bianchi & Spain, 1985).

Tradicionalmente, as mulheres foram consideradas responsáveis pela manutenção dos relacionamentos familiares e por todos os cuidados: por seus maridos, por seus filhos, por seus pais, pelos pais de seus maridos e por qualquer outro membro da família doente ou dependente. Mesmo atualmente, quase um quinto das mulheres com idades entre 55 e 59 anos cuida, em casa, de um parente idoso. Normalmente, uma filha ou nora é a principal responsável pelos cuidados a uma mãe idosa. Claramente, os cuidados aos idosos (que são, em sua maioria, mulheres) é primariamente um problema da mulher. Entretanto, cada vez mais mulheres mais jovens unem-se à força de trabalho, e, assim, não estão disponíveis para prestar esses cuidados, a não ser com extrema dificuldade. Atualmente, mais da metade de todas as mulheres entre 45 e 64 anos trabalha fora de casa, e a maioria delas em tempo integral. Com cada vez mais famílias de quatro gerações em cena, as cuidadoras tendem a ser idosas elas próprias, e lutando com um funcionamento em declínio. Dessa forma, as mulheres de meia-idade de hoje são submetidas à "pressão da dependência" entre seus pais e seus filhos (Lang & Brody, 1983; Baruch & Barnett, 1983).

As leis que regulam os serviços sociais que apóiam as famílias são determinadas principalmente por homens, e não apóiam as mulheres que são chefes de família. Contrariamente à afirmação de que os serviços governamentais solapam a força dos arrimos familiares, o fracasso em proporcionar serviços públicos às famílias irá, muito provavelmente, exarcebar os conflitos intergeracionais, fazendo com que os membros da família se voltem uns contra os outros (Hess, 1985). A esmagadora maioria dos legisladores em nossa sociedade é do sexo masculino, e sua história de legislação em apoio aos cuidados da família é muito deficiente. Essa é uma questão primária para as mulheres divorciadas, mães de filhos pequenos, mulheres que fazem parte de minorias, idosos (que são, em sua maioria, mulheres), e outros grupos que não têm o poder para fazer as leis e ficam então duplamente sobrecarregados — com a responsabilidade, mas sem os recursos para cuidar de suas famílias.

## DESENVOLVIMENTO MASCULINO E FEMININO

Sempre houve uma versão "dele" e "dela" sobre o desenvolvimento humano, embora até recentemente somente a primeira estivesse descrita na literatura (Bernard, 1975). O desenvolvimento feminino era visto somente de uma perspectiva androcêntrica e significava aprender a tornar-se uma companheira adaptável para favorecer o desenvolvimento do homem. A maioria dos teóricos do sexo masculino, como Freud, Kohlberg e Piaget, tendia a ignorar o desenvolvimento feminino. Só muito recentemente é que a descrição do desenvolvimento da mulher apareceu na literatura (Miller, 1976; Gilligan, 1982; Dinnerstein, 1976; Belenky e colaboradores, 1986). Enquanto a separação, a diferenciação e a autonomia foram consideradas fatores primários no desenvolvimento masculino, os valores de cuidado e apego, interdependência, relacionamento e atenção ao contexto foram primários no desenvolvimento feminino. Ao mesmo tempo, estes últimos valores foram desvalorizados pelos teóricos do sexo masculino (tais como Erikson, Piaget, Levinson e Valliant).

As mulheres tendiam a definir-se no contexto dos relacionamentos humanos e a julgar-se em termos de sua capacidade de cuidar. Gilligan descreveu o lugar da mulher no ciclo de vida de um homem como o da "nutridora, cuidadora e ajudante, a tecelã daquelas redes de relacionamento das quais ela, por sua vez, depende. Mas, enquanto as mulheres cuidavam dos homens dessa maneira, os homens, em suas teorias de desenvolvimento psicológico, assim como em seus arranjos econômicos, tendiam a tomar como certo ou a desvalorizar esse cuidado" (Gilligan, 1982, página 17). As principais teorias do desenvolvimento humano geralmente igualavam a maturidade à autonomia. A preocupação com os relacionamentos era vista como



uma fraqueza das mulheres, e não como uma força humana. Os estudos de Broverman e seus colegas sobre os esteriótipos de papel sexual (1970, 1972) tornaram eminentemente claros os preconceitos em nossas atitudes culturais que igualam a "adultez sadia" à "masculinidade". Como esses estudos demonstraram, nós igualamos a maturidade à capacidade de pensamento autônomo, à racionalidade, à clara tomada de decisões, e à ação responsável, e desvalorizamos as qualidades que nossa cultura definiu como necessárias à identidade feminina, tais como calidez, expressividade e o cuidado pelos outros.

As teorias propostas por homens deixaram de descrever a progressão dos relacionamentos para a maturidade da interdependência. Embora a maioria dos textos desenvolvimentais reconheça a importância da individuação, a realidade de uma conexão contínua é perdida ou relegada a segundo plano. Talvez seja por isso que quase não exista discussão na literatura desenvolvimental sobre a importância dos filhos na redefinição da identidade adulta de uma pessoa (Daniels & Weingarten, 1982).

Os oito estágios de desenvolvimento de Erikson (1963) sugerem que a condição humana de estar conectado faz parte do primeiro estágio, confiança *versus* desconfiança, que abrange o primeiro ano de vida, mas esse aspecto não aparece novamente até o sexto estágio, intimidade *versus* isolamento. Todos os outros estágios descritos por Erikson antes da idade adulta envolvem questões individuais ao invés de relacionais: autonomia *versus* vergonha e dúvida; iniciativa *versus* culpa; diligência *versus* inferioridade; identidade *versus* confusão de papéis. A identidade é definida como possuir um senso de eu *à parte* da própria família. Além disso, da idade de um a vinte anos, aquelas características que se referem a questões interpessoais — dúvida, vergonha, culpa, inferioridade e confusão de papéis, (sendo que todas são associadas a características femininas) — significam fracasso. É uma pena que a dúvida, a culpa, o senso de inferioridade e a consciência da confusão de papéis sejam definidos dessa maneira, como não fazendo parte de uma identidade sadia. Será que nós não precisamos dessas qualidades para lidar realisticamente com os outros, exatamente como precisamos de outras qualidades? Dada essa idealização do desenvolvimento sadio, não surpreende que os homens se desenvolvam com uma capacidade deficiente para a intimidade, e tenham dificuldade em relacionar-se com sua vulnerabilidade, dúvida e imperfeição.

O notável desenvolvimento da capacidade de falar ou comunicar, que ocorre entre as idades de um e três anos, e é a característica diferencial primária entre nós e os outros animais, não é nem mesmo mencionada nesse esquema. De fato, as meninas demonstram uma capacidade verbal mais precoce do que os meninos (Romer, 1981). E, notavelmente, a fase de produtividade de Erikson vem depois do momento de maior produtividade humana — produzir filhos —, que nem mesmo entra em seu esquema. O último estágio da idade adulta, integridade de ego *versus* desespero, novamente parece relacionar-se a aspectos individuais do desenvolvimento, e não aos interpessoais. Dessa forma, as características ideais de um adulto sadio, para Erikson, (autonomia, iniciativa, diligência, e uma clara identidade à parte da própria família) criam um ser humano seriamente desequilibrado. Em nossa opinião, todos os estágios do ciclo de vida possuem tanto aspectos individuais quanto interpessoais, e o fracasso em perceber isso tem levado ao desenvolvimento humano seriamente distorcido.

Segundo Levison (1978), os relacionamentos mais significativos para os homens no início da vida adulta são com o mentor e a mulher especial, ou ajudante, que encoraja o herói a dar forma ao seu sonho e a realizá-lo. Assim, os relacionamentos significativos do início da vida adulta foram interpretados como "figuras transicionais", como o meio de chegar a uma realização individual (Gilligan, 1982, página 152). O estudo de George Valliant (1977) sobre o desenvolvimento masculino entre graduandos de Harvard altamente realizadores, interessantemente chamado de

"Adaptação à Vida" ao invés de adaptação masculina, também se centra no trabalho e minimiza a importância do apego aos outros.

Até a linguagem utilizada para descrever o desenvolvimento humano emprega termos peculiarmente impessoais, tais como "relações objetais" para referir-se aos relacionamentos humanos. O preconceito sexista de nossa linguagem aparece também no uso dos termos "privação materna", por um lado, mas "ausência do pai", um termo muito menos depreciador, por outro — embora normalmente estejamos nos referindo a um pai que estava completamente indisponível e a uma mãe que estava presente mas não proporcionou tudo o que era necessário.

Desenvolvimentalmente, esperava-se que as mulheres, a partir do início da idade adulta, "ficassem atrás de seus homens", para apoiar e criar seus filhos, e, paradoxalmente, fossem capazes de viver sem qualquer afirmação e apoio a elas mesmas. A adaptabilidade provavelmente era a maior habilidade exigida das mulheres. Esperava-se que elas aceitassem ser desarraigadas cada vez que seus maridos dissessem ser necessário se mudarem em virtude de um emprego melhor, aceitassem a falta de comunicação e a indisponibilidade de seus maridos, e lidassem elas próprias com todos os relacionamentos humanos. É irônico que as mulheres, que são vistas como "dependentes" e menos competentes do que os homens, tivessem de funcionar sem apoio em seus casamentos, e ser, na verdade, quase totalmente auto-suficientes em termos emocionais. As mulheres, tipicamente, tinham de alimentar o senso de auto-estima de seus maridos, mas eram vistas como "chatas" quando buscavam apoio emocional. [Na prática clínica, as queixas conjugais dos homens costumam centrar-se na chatice e exigências emocionais de suas esposas (Weiss, 1985), ao passo que as das mulheres centram-se na falta de responsividade emocional dos maridos e em seu próprio sentimento de abandono].

Miller (1976) busca uma nova psicologia que reconheça o padrão diferente do desenvolvimento feminino, baseado em um contexto de apego e afiliação aos outros. Segundo sua descrição, o senso de eu das mulheres foi organizado em torno do ser capaz de desenvolver e manter relacionamentos. A ameaça de rompimento de um relacionamento muitas vezes é percebida não apenas como uma "perda de objeto", mas como algo mais próximo à perda da própria identidade, requerendo assim uma transformação do eu e do sistema. Básico nesta perspectiva sistêmica é o senso de que a identidade humana está inextricavelmente vinculado aos relacionamentos com os outros, e de que a autonomia completa é uma ficção. Os estudos de Gilligan sugerem que o desenvolvimento moral das mulheres centrava-se na elaboração do conhecimento do apego humano. Segundo Gilligan (1982), "O apego e a separação fixam o ciclo de vida humana, descrevendo a biologia da reprodução humana e a psicologia do desenvolvimento humano. Os conceitos de apego e separação que retratam a natureza e a seqüência do desenvolvimento do bebê aparecem na adolescência como identidade e intimidade, e depois na idade adulta como amor e trabalho" (página 151).

Em virtude da maneira como as mulheres foram socializadas, e por que a consciência das questões de gênero afeta intensamente o interior da família e os relacionamentos mais íntimos da mulher, essas questões têm sido ainda mais ameaçadoras e difíceis de aceitar do que as idéias sobre diferenças de classe ou etnicidade. Conforme James (1985) salienta:

> As estruturas patriarcais são transmitidas através da aquisição da cultura, da linguagem e da identidade de gênero, e a família é o local desta transmissão... Na medida em que existe uma disjunção entre a ideologia e a experiência de uma mulher, ela tenderá a se culpar, a se perder e a se modelar de modo a se ajustar a esse quadro. Esta ideologia cria o silêncio das mulheres — falar contra ela pode trazer rótulos e sanções que a marcam como tendo um desvio... O valor das mulheres depende muito de seus papéis como esposas e mães. Seu valor está ligado aos seus relacionamentos com os homens e deles se deriva (páginas 244-247).



## TRABALHO

Para os homens, o relacionamento com a família e o trabalho é visto como mutuamente apoiador e complementar, mas para as mulheres o trabalho e a família representam exigências conflituantes. As mulheres têm vivido uma dupla mensagem em relação a isso. (Fox & Hesse-Biber, 1984; Apter, 1985; McGoldrick, 1987; Berg, 1986). Embora a participação na força de trabalho seja o determinante mais importante do bem-estar psicológico das mulheres (Kessler & McRae, 1984), o valor cultural dominante tem sido o de que o lugar das mulheres é no lar. Nós sabemos que as mulheres que trabalham apresentam menos sintomas de sofrimento psicológico (Bernard, 1982).

Além disso, apesar da difundida crença de que o trabalho materno é prejudicial para os filhos, existe evidência de que isso não é assim (Hoffman, 1974). De fato, pelo menos um dos estudos demonstrou que ter uma mãe que trabalha e que possui um emprego de alto *status* tem um efeito ainda mais positivo sobre a realização tanto de seus filhos quanto de suas filhas do que ter um pai com uma profissão de alto *status* (Padan, 1965; Lozoff, 1974). E, no entanto, existem inúmeras pressões contra a mulher sentir-se bem por trabalhar (Piotrkowski & Repetti, 1984). A família é vista como apoiando e nutrindo o trabalhador do sexo masculino por seu desempenho no trabalho, ao passo que as mulheres são vistas como privando suas famílias por trabalhar, e não existe nenhum sentimento de a família ser um "refúgio" para as mulheres como tem sido para os homens. Na verdade, o alto nível das exigências psicológicas em seus trabalhos em casa e muitas vezes no local de trabalho (enfermeiras, professoras, secretárias) com pouco controle ou poder reais sobre sua situação,as coloca, grande parte do tempo, numa situação particularmente estressante (Baruch e colaboradores, 1987).

Friedan (1985) alertou que "se o movimento das mulheres não passasse para um segundo estágio e assumisse os problemas de reestruturar o trabalho e o lar, uma nova geração estaria vulnerável ao retrocesso. Mas o movimento não avançou para este segundo estágio necessário, de modo que as mulheres, lutando com esses novos problemas, os vêem como puramente pessoais, não políticos, e não buscam mais o movimento para soluções" (página 84). Friedan insiste agora em que coloquemos a questão em primeiro plano, "para libertar uma nova geração de mulheres dessa nova dupla carga de culpa e isolamento. A culpa pela maternidade menos-que-perfeita e pelo desempenho profissional menos-que-perfeito é real, porque não é possível "ter tudo" quando os empregos ainda estão estruturados para os homens cujas esposas cuidam dos detalhes da vida, e os lares ainda estão estruturados para as mulheres cuja única responsabilidade é cuidar de suas famílias" (página 84). Friedan nos instiga a enfrentar as duras tarefas políticas de reestruturar o trabalho e o lar, de modo que as mulheres que são casadas e têm filhos possam também merecer e ter voz ativa na linha de tomada de decisões da sociedade.

A independência econômica das mulheres, que tem profundas implicações nas estruturas familiares tradicionais, parece crucial para a auto-estima feminina (Blumstein & Schwartz, 1983), como proteção em face de abuso (Aguirre, 1985), divórcio (Weitzman, 1986) e velhice (Hess, 1985). A crescente feminização da pobreza significa que virtualmente todos os pobres por volta do ano 2000 serão mulheres e crianças. Para neutralizar esta tendência, são necessárias maciças mudanças de poder em nossa cultura.

Conforme Goldner (1985) afirmou:

> "Ao ignorar a complexa interpenetração entre a estrutura das relações familiares e o mundo do trabalho, os terapeutas de família endossam tacitamente a ficção do século dezenove de que a família é um refúgio doméstico em relação à economia de mercado... A dicotomização desses domínios sociais é uma mistificação e uma distorção que

mascaram um princípio organizador central da vida familiar contemporânea. A divisão do trabalho (tanto afetivo quanto instrumental) e a distribuição do poder nas famílias estão estruturadas não apenas conforme as hierarquias geracionais, mas também ao redor das esferas de influência conforme o gênero, que obtêm sua legitimidade precisamente em virtude da criação de uma dicotomia pública/privada. Confiar em uma teoria que não enfrenta e nem ao menos reconhece essa realidade é operar no domínio da ilusão". (Páginas 43-44)

Há indicações de que o diferencial de salários masculino-feminino cresceu com o passar do tempo, desde a década de cinqüenta até a de setenta (Bianchi & Spain, 1985). Conforme a pesquisa demonstrou, a dependência econômica das esposas determina amplamente seu retorno a maridos abusivos (Aguirre, 1985; Strube & Barbour, 1984) e, basicamente, cria um desequilíbrio de poder seriamente problemático (Blumstein & Schwartz, 1983).

Cinqüenta e um por cento das mulheres casadas (e 55% de todas as mulheres acima de dezesseis anos, se comparadas aos 36 por cento de 30 anos atrás) trabalham fora de casa, uma grande parte em empregos mal-remunerados, com discriminação de sexo. Um quarto de todas as mulheres empregadas agrupam-se em apenas 22 das 500 ocupações distinguidas pela Agência do Censo. Trinta e três milhões de pessoas trabalham em empregos mal-remunerados, nos quais 90% dos colegas são do mesmo sexo (Fox & Hesse-Biber, 1984; Bianchi & Spain, 1986).

Infelizmente, o bem-estar tanto das crianças quanto dos idosos, que são em sua maioria mulheres, pode ser obtido às custas da qualidade de vida da geração de sexo feminino do meio, que fica extremamente sobrecarregada. Oprimidas pelas esmagadoras exigências de cuidar de duas outras gerações, elas são forçadas a aceitar um trabalho que limita suas opções pelo resto de suas vidas (Hess & Soldo, 1984).

Mesmo que a maioria das mulheres trabalhe, a divisão das responsabilidades familiares para equilibrar a carga de trabalho não está ocorrendo. Embora os maridos e os filhos participem superficialmente das tarefas domésticas, quase todo o trabalho doméstico é realizado pelas esposas — entre 74% e 92% das maiores tarefas, de acordo com um estudo (Berheide, 1984). As mulheres empregadas continuam a fazer 4.8 horas por dia de trabalho doméstico, comparadas a 1.6 horas para seus maridos (Ferree, 1984). Como uma das mulheres da amostra de Berheide colocou, " Se você não faz, ele não é feito" (página 44). Os maridos realizavam entre 12% e 26% das tarefas, com exceção das incumbências externas, em que eles realizavam 54% e suas esposas 74% (a sobreposição reflete um trabalho realizado junto ou alternado). Os filhos realizavam entre 7% e 13% das tarefas. Os respondentes deixaram claro que as tarefas domésticas continuavam sendo responsabilidade da esposa, embora outros membros da família às vezes "a ajudassem".

Um estudo recente indica que na década passada as mulheres ficaram mais conscientes das limitações externas à sua capacidade de atingir seus objetivos na força de trabalho. Elas vêem a si mesmas como tendo menos controle sobre os eventos do que tinham no passado (Doherty & Baldwin, 1985). Isso está de acordo com os relatos de que as mulheres estão experenciando altos índices de discriminação sexual no local de trabalho (Doherty & Baldwin, 1985).

## ESTRUTURA DOMÉSTICA

A tradicional estrutura doméstica está rapidamente se tornando uma relíquia do passado. Menos de 10% das famílias se ajustam ao tradicional ideal do pai que trabalha, da mãe que fica em casa e dos filhos (Friedan, 1985). Muito poucas famílias podem ter filhos a menos que tanto o marido quanto a mulher tenham empregos (Thurow, 1987). Somente 29% das estruturas domésticas consistem em casais



com filhos menores de 18 anos, comparados a 44% em 1960, e, já que pelo menos metade dessas mães trabalha, muitos sugerem que o número está mais próximo de 6% (Hewlett, 1985). O número de lares de casais casados e casais com filhos tem diminuído regularmente desde 1970, e o número de lares com progenitor solteiro (em sua maioria dirigidos por mulheres) mais do que dobrou (Rawlings, 1983). Com o crescente número de mães solteiras adolescentes, suas mães, tias e irmãs parecem ter a total responsabilidade pelos filhos. Os pais adolescentes raramente são incluídos como parte do quadro, e outros membros da família do sexo masculino freqüentemente não desempenham nenhum papel primário no desenvolvimento da família.

Finalmente, a maioria das pessoas que vivem sozinhas é do sexo feminino (11 milhões *versus* 6.8 milhões de homens) e elas costumam ser viúvas e/ou divorciadas idosas (*Current Population Reports*, outubro de 1981; Bianchi & Spain, 1985).

## ENTRE FAMÍLIAS: IDADE ADULTA JOVEM

A idade adulta jovem, até muito recentemente, era apenas uma fase para os homens. As mulheres passavam de suas famílias de origem para suas famílias de procriação, sem nenhum espaço entre elas para ser independente. Para os homens, essa fase costumava enfatizar o desenvolvimento de uma carreira, ao passo que para as mulheres as carreiras quase sempre eram secundárias à busca de um marido. As mulheres são freqüentemente confrontadas com um conflito entre os dois papéis, com a família e a pressão social entrando em conflito com as exigências da carreira. Quanto mais a mulher se centra na carreira, menos viáveis são suas opções maritais. Ao contrário da situação dos homens, em que a instrução aumenta a probabilidade de casamento, para as mulheres com formação universitária as chances de casar depois dos 30 anos diminuem rapidamente. Em nossa experiência, as filhas que utilizam inteiramente a idade adulta jovem para o desenvolvimento pessoal tendem a fazê-lo a uma distância maior de suas famílias de origem do que os filhos, provavelmente porque existe uma menor aceitação familiar do desenvolvimento individual feminino. É talvez por essa razão que a próxima fase, o jovem casal, representa padrões diferentes para os homens e as mulheres em relação às suas famílias de origem. Para as mulheres, ela traz um voltar-se para os pais em busca de maior conexão, ao passo que para os homens há uma maior separação em relação às famílias de origem, com o relacionamento conjugal substituindo a família de origem (White, 1986). Como Ben Franklin disse: "Meu filho será meu filho até casar, mas minha filha será minha filha pelo resto dos dias da minha vida". De fato, uma filha será também uma nora pelo resto de sua vida, uma vez que através do casamento ela também passa a ter, de modo típico, a responsabilidade pela ligação com a família do marido.

A pressão sobre as mulheres, no sentido de que não aproveitem todas as vantagens de uma vida independente, pode ser intensa. Elas podem reduzir suas aspirações em decorrência de atitudes educacionais e sociais internalizadas, ou de atitudes familiares. As mulheres preocupam-se com a possibilidade de que suas famílias desaprovem suas altas aspirações, temendo que isso signifique a perda de suas chances matrimoniais. Embora elas estejam inclinadas a perseguir possibilidades educacionais e profissionais mais do que no passado, elas ainda tendem a desistir da universidade e de um emprego muito mais do que os homens. (Também é verdade que os homens têm *menos* opções de desistir da carreira ou da ascensão profissional.)

Os estudos de Horner (1972) demonstraram que as mulheres sentem ansiedade em relação a realizações competitivas. Esse medo "existe porque, para a maioria das mulheres, a antecipação do sucesso na atividade de realização competitiva, especialmente contra os homens, traz a antecipação de certas conseqüências negativas, como por exemplo a ameaça de rejeição social e perda da feminilidade" (página

125). Sassen (1980) salientou que Horner encontrou a ansiedade em relação ao sucesso apenas nas mulheres cujo sucesso se dava às custas do fracasso de outrem. Assim, mais uma vez, fica demonstrado que o comportamento das mulheres é sensível ao seu contexto interpessoal.

Trabalhar com famílias nessa fase do ciclo de vida é particularmente recompensador em virtude das novas opções existentes, quando os adultos jovens ainda são capazes de buscar novos padrões de vida. As intervenções que buscam conectar as mulheres jovens às forças das mulheres de suas famílias nas gerações passadas podem ser especialmente significativas para ajudá-las nesta fase formativa crucial. É importante resumir todo o trabalho não-reconhecido que suas mães e avós realizaram para cuidar das famílias e para manter uma estrutura doméstica funcionando, de modo a enfatizar sua coragem, capacidades, trabalho duro e forças, como modelos de papel para uma identificação positiva, uma vez que as mulheres, de modo típico, são escondidas da história (*herstory!*)*. Uma discussão excelente a respeito do treinamento das mulheres para desenvolverem os relacionamentos familiares é oferecida na *The Dance of Anger*, de Lerner (1985).

*Exemplo de Caso: Idade Adulta Jovem*

Mary Smith, com 25 anos de idade, buscou terapia em virtude de conflitos com seu namorado porto-riquenho e de problemas com ambos os pais. Como pode ser visto no genetograma da família Smith (Figura 2.1), Mary é a mais velha de quatro filhos, e a única que ainda mora em casa. Sua mãe foi a segunda de três filhos de um pai alcoolista. Depois de algumas sessões, Mary trouxe sua mãe, Barbara Smith, cuja angústia em relação à sua vida com um marido abusivo ela confiava a Mary desde algum tempo. Mary sentia-se impotente para ajudar a mãe. Foi oferecida terapia conjugal à mãe, e vários meses depois ela decidiu retornar sozinha. Ela jamais contara a ninguém que seu marido Joe abusara tanto dela quanto dos filhos durante muitos anos. Ela disse que seu modelo de silêncio fora a sua mãe, que agüentara um marido ativamente alcoolista por quase cinqüenta anos, e sempre dissera: "Você faz sua cama e se deita nela". Recentemente, Barbara começara a trabalhar em vendas de seguros. Ela adorava o sabor do mundo do trabalho, numa posição em que podia realmente utilizar suas capacidades interpessoais e administrativas. Mas o gerente era muito negativo em relação a mulheres, e ela logo foi despedida. Ela estava tendo grande dificuldade em encontrar outro trabalho.

Foi realizado um trabalho com Mary, Barbara e Joe, individualmente e em grupo. Foi utilizada uma estrutura de ciclo de vida para redefinir sua presente situação, de modo a ajudar a família a ver suas vidas no contexto do tempo e do movimento. Para ajudar Barbara a diminuir sua culpa por ter tolerado seu marido abusivo, eu sugeri que criar filhos exige uma energia imensa, e somente agora, quando seus filhos estão se tornando jovens adultos, é que ela está livre para reavaliar sua vida. Além disso, tendo crescido numa família com um pai alcoolista, ela aprendeu cedo a não expressar suas próprias necessidades e sentimentos. Como a irmã mais velha, coube-lhe a responsabilidade de cuidar de suas irmãs mais jovens desde o início da infância. [Nota da tradutora: a autora diz, no parágrafo anterior, que Barbara era a filha do meio, e agora refere-se a ela como a mais velha, responsável pelas irmãs menores. (?)] Em lugar algum ela foi encorajada a desenvolver um senso de si mesma e de suas aspirações e capacidades pessoais, exceto como cuidadora.

Depois de termos tomado medidas para garantir que o abuso jamais ocorreria novamente sem um envolvimento da polícia, uma interpretação semelhante foi feita a Joe, que gradualmente começou a perceber o sério dano que causara à sua família por seu abuso. Ele crescera numa família em que ele próprio fora abusado, casara-se jovem e imaturo, e os filhos chegaram rapidamente. Ao longo dos anos, com um repertório emocional muito limitado, ele lutara para sustentar sua família e fora apanhado pelo estresse de ser um vendedor-viajante, o que contribuiu para seu fracasso em lidar efetivamen-

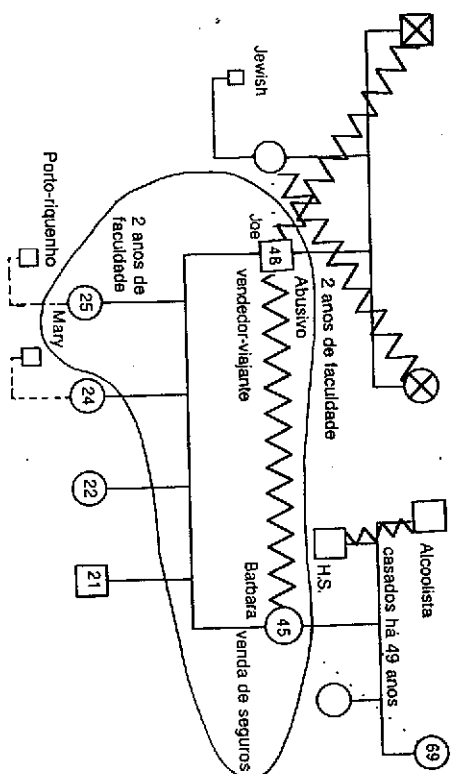
* Nota da tradutora: a autora faz um jogo de palavras intraduzível: history e herstory, respectivamente "a história dele" e a "história dela".



*Figura 2-1. Família Smith.*

te com as demandas familiares. Foram realizadas sessões com ele e com seus filhos jovens adultos para discutir o passado e ajudá-los a lidar com seus problemas atuais de jovens adultos. Por exemplo, ele discutiu o fato de que em sua própria família houvera intensos conflitos ou rompimento de relações referentes aos casamentos de sua irmã e ao seu próprio, e agora que sua segunda filha estava para casar, ele não gostaria de repetir esse padrão. Ele ajudou Mary a planejar maneiras de resolver seus problemas financeiros, para conseguir um apartamento próprio. E ele ajudou seus filhos mais jovens a fazerem planos para os seus últimos anos de universidade e para se tornarem independentes. O propósito dessas sessões requeria a reavaliação do relacionamento com seus próprios pais, assim como de seus sonhos frustrados de tornar-se um artista e de sua entrada direta no mundo dos negócios, onde ele sentia ter pedido sua identidade.

O trabalho com Barbara centrou-se na reinterpretação de sua maternagem, para descobrir as forças em sua capacidade de criar os filhos, assim como em sua coragem de procurar um emprego numa ocupação claramente sexista. Ela foi encorajada a considerar cada entrevista de trabalho como proporcionando-lhe a capacidade de lidar com uma situação nova e difícil. Nós também discutimos as maneiras importantes pelas quais ela estava oferecendo aos filhos um novo modelo de papel, através de seu comportamento. Foi realizada uma sessão com Barbara e suas filhas para fortalecer sua decisão conjunta de jamais tolerar abuso no futuro. Também foram realizadas sessões com a mãe de Barbara e sua irmã. Sua mãe foi excepcionalmente clara sobre sua decisão de assumir a responsabilidade por sua própria vida, mesmo tendo decidido permanecer com o marido alcoolista. Ela deixou claro que havia escolhido um estilo de vida independente, no qual ela viaja sozinha e limita estritamente aquilo que vai tolerar do marido. Nós também discutimos seu dilema compartilhado em seus anos anteriores de vida, quando estavam criando os filhos pequenos, e quando não havia muito espaço para uma ação independente. Na sessão com a irmã de Barbara, conversamos sobre suas dificuldades comuns de conciliar a carreira e a família, e de aprender a falar sobre suas próprias necessidades, inclusive uma com a outra. Elas dicutiram suas experiências de crescimento, e decidiram apoiar-se mutuamente em seus esforços para expressar seus próprios sentimentos.

O senso de lealdade de Mary com relação à mãe e o medo de deixar a família era apenas um dos fatores que contribuíam para a sua dificuldade em seguir em frente com sua vida. Ela percebia que seu relacionamento com o namorado não era sadio, e que ele era abusivo e possessivo, como seu pai fora. Ela não se sentia capaz de manejá-lo efetivamente, mas temia a reação dele se ela o deixasse, e acreditava que jamais encontraria ninguém que a amasse. Ela achava que, se fosse morar em seu novo apartamento, não seria capaz de mantê-lo à distância. Ela sabia que "deveria" parar de vê-lo e continuar a estudar (ela fizera dois anos de universidade), mas achava que não era suficientemente esperta para continuar a trabalhar e a estudar, e que seu trabalho era a úni-

ca segurança que tinha; ele proporcionava independência financeira. Gradualmente, modificando seus relacionamentos com os pais e irmãos, ela começou a sentir-se mais confiante. Quando seu namorado ficou bêbado em uma festa, ela terminou o relacionamento. Ela também decidiu que seria capaz de fazer um curso na universidade, e elaborou um plano para mudar-se para seu próprio apartamento.

Essa mudança aconteceu ao mesmo tempo em que os pais assumiam a responsabilidade por lidarem com seus próprios problemas conjugais, uma tarefa difícil para Barbara, uma vez que ela sabia que não poderia sustentar-se financeiramente caso se separasse de Joe. A motivação de Joe para trabalhar essas questões foi aumentada pela compreensão de que, além de sua família, ele não tinha nenhum relacionamento, e que seu trabalho, altamente estressante, proporcionava-lhe pouca segurança ou gratificação. Ele iniciou a difícil tarefa de desenvolver seu lado emocional, que tão cedo ficara bloqueado, e também a de reconectar-se com sua irmã, com quem rompera relações.

Esse caso ilustra não apenas o dilema de uma jovem mulher com relação a seguir a escolha da mãe de um caminho de vida (um relacionamento com um namorado abusivo) ou a escolher o caminho mais independente de uma carreira, que poderia ameaçar suas chances de encontrar um companheiro. Mary realmente acreditava no mito de ser cuidada por um homem, que a salvaria das dificuldades de lutar por um grau universitário e aprender a lidar com o dinheiro e com um estilo de vida independente. Durante a terapia, ela foi capaz de reconhecer forças em sua mãe que não percebera antes, em particular sua coragem de lutar para entrar no difícil mundo do trabalho depois de muitos anos em casa. Dessa maneira, ela pôde tentar igualar as forças da mãe e ainda encontrar seu próprio caminho na vida. Para fazer isso, todavia, ela, como sua mãe, precisava aprender a colocar suas próprias necessidades em primeiro lugar, ao invés de sempre atender às necessidades dos outros. A terapia do pai ilustra o importante papel que os homens podem ter, não apenas na superação das limitações que os estereótipos de gênero colocam em suas vidas, mas para servirem como modelos de papel para suas filhas, ao tentarem modificar os padrões disfuncionais e passar adiante suas forças.

## A UNIÃO DE FAMÍLIAS NO CASAMENTO: O JOVEM CASAL

Em anos recentes, as mulheres têm casado mais tarde ou escolhido não casar (12% comparados a 3% na geração de seus pais). Elas estão tendo menos filhos e os tendo mais tarde, e muitas (cerca de 25%) estão escolhendo não ter filhos. O casamento representa uma proposição muito diferente para as mulheres e para os homens. Vários pesquisadores recentes descobriram uma persistente diferença nos valores dos homens e das mulheres em relação aos seus casamentos (Sternberg, 1986; White, 1986). As mulheres tendem a considerar essa transição como um momento para se aproximarem um pouco mais de suas famílias de origem, enquanto os homens tendem a dar um outro passo mais definitivo no sentido inverso. Embora durante o namoro os homens estejam dispostos a passar o tempo com as mulheres de uma maneira que aumenta o senso de intimidade da mulher, depois do casamento eles tendem a passar cada vez menos tempo conversando com as esposas, muitas vezes considerando que fazer coisas na casa seja uma demonstração adequada de cuidado e intimidade, e sentindo-se mistificados com relação ao que as mulheres querem quando buscam maior contato e intimidade no relacionamento conjugal (Sternberg, 1986). Geralmente, as mulheres estão mais dispostas do que os homens a admitirem problemas, e é muito mais provável que elas, e não os maridos, avaliem seus relacionamentos como problemáticos. Os homens valorizam a atratividade de suas esposas, ao passo que as mulheres consideram o potencial provedor de seus maridos uma atração maior no casamento. Os homens dizem que o que é importante no casamento é a responsividade sexual de suas esposas e os interesses compartilhados; as mulheres dizem que a capacidade de seus maridos de se relacionarem bem com a família e os amigos da mulher é mais importante. Os homens geralmente classificam sua comunicação conjugal, relacionamentos com os pais e relacionamentos sexuais como bons; as mulheres classificam todos esses aspectos como problemáticos. Além disso, parece que o duplo padrão continua a operar, com as mulheres considerando a fidelidade dos maridos mais importante do que eles consideram, e é mais provável que eles esperem fidelidade de suas esposas do que de si próprios (Coleman, 1986; Sternberg, 1984; Huston, 1983; White, 1986).

Entre 1970 e 1982, a proporção de mulheres com quase trinta anos que nunca casaram subiu de 10.5% para 23.4% (Saluter, 1983). Para aquelas no início da casa dos trinta anos, a proporção subiu de 6.2% para 11.6%. Parece que cerca de 25% das mulheres ainda estão casando antes dos vinte anos de idade, mas os outros 75% estão adiando o casamento por períodos ainda mais longos. Para cada dez mulheres entre 40 e 50 anos com formação universitária existem apenas três homens solteiros que são mais velhos e com melhor instrução (Richardson, 1986). Essa tendência demográfica, conforme um autor colocou, "torna a igualdade conjugal uma piada. Um marido pode ser um primor — lavar sua parte da louça, encorajar a esposa em seu trabalho, valorizar suas opiniões, respeitar sua individualidade e tudo o mais. Mas qualquer um pode olhar para o lado de vez em quando, e chega o momento em que ele está comparando sua esposa com outras mulheres, enquanto ela o está comparando com a solidão" (Pollit, 1986).

Em todos os grupos de idade, quanto maior o salário da mulher, menor o índice de casamentos — uma situação que é exatamente o contrário do que acontece com os homens (Bernard, 1982, página 35). Embora isso provavelmente reflita a maior liberdade de casar ou não que a segurança financeira proporciona à mulher, também reflete as limitações em suas opções. Uma vez que sempre foi esperado que as mulheres casassem com homens mais altos, mais velhos, mais espertos e mais ricos do que elas, elas encontram-se em séria desvantagem para encontrar um companheiro. As mulheres cujas escolhas não refletiam esses diferenciais sempre foram estigmatizadas, assim como os homens que escolhiam mulheres mais velhas, mais espertas, mais altas ou mais ricas do que eles. Esses homens atualmente poderiam ser tachados de "incompetentes", incapazes de encontrar uma mulher mais desejável. A única categoria em que as mulheres podiam ser "mais e melhores" era na atratividade física.

É surpreendente que as mulheres sejam tão positivas em relação ao casamento e os homens tão ambivalentes em relação a ele, uma vez que o casamento parece ser tão mais vantajoso para os homens do que para as mulheres.

Uma intervenção clínica que pode ser utilizada para ajudar os casais nessa fase a modificarem o tradicional padrão de seus papéis sexuais é a sugestão de mudar os rituais tradicionais que cercam o casamento, para que simbolizem o movimento rumo a relacionamentos não-sexistas. Por exemplo, ambos os cônjuges podem ser encorajados a desenvolverem um ritual que lhes permita representar o movimento desde seus pais (não somente a mulher desde seu pai) para o vínculo conjugal. Uma vez que o casamento requer que os parceiros redefinam-se em relação à sua família ampliada seja como for, tal ritual lhes oferece a oportunidade de redefinirem os relacionamentos familiares tradicionais, de uma maneira que talvez torne mais eqüitativa sua futura acomodação conjugal.

### *Exemplo de Caso: O Casal*

Joan Woods, 32 anos, e Peter Stern, 28, buscaram terapia depois de quatro anos de casamento em virtude de conflitos persistentes. Ambos eram os filhos mais velhos em suas famílias de origem. Peter, que era severamente disléxico, vinha de uma família judia. Seu pai fora advogado, mas havia trabalhado apenas marginalmente por muitos anos,

em virtude de sérias depressões. Durante a infância de Joan, sua mãe fora hospitalizada por episódios psicóticos, de modo que Joan atuou com um papel maternal para seus dois irmãos mais jovens. Joan queixava-se de que Peter jamais era carinhoso, não parecia se importar com ela, e não parecia ambicioso, embora ele estivesse sempre trabalhando. Ele estava empregado como atendente de crianças. As queixas de Peter centravam-se nos contínuos resmungos e críticas de Joan, e em sua insistência em fazer sempre o que ela queria, muitas vezes viajando em decorrência de seu trabalho. Joan era uma ativa gerente de uma grande coorporação, e seu salário era mais ou menos o dobro do salário de seu marido.

A briga do casal foi reinterpretada como uma reflexão sobre eles estarem na vanguarda das mudanças de nossa cultura, uma vez que o trabalho de ambos os libertava dos convencionais estereótipos de papel sexual para seus gêneros e dos tradicionais relacionamentos de casal de parceiros conjugais. Eu sugeri que os conflitos que eles estavam tendo resultavam de ainda não terem passado completamente para um novo tipo de casamento. Ao modificarem seus padrões emocionais como haviam modificado seus padrões de trabalho, e ao não ficarem aprisionados a certos estereótipos somente porque os outros ficam, eles poderiam tornar livre seu relacionamento um com o outro. Nós falamos inclusive sobre o fato de que a disfunção de seus progenitores do mesmo sexo, por mais difícil que possa ter sido para eles enquanto cresciam, talvez tivesse desempenhado um papel benéfico ao não lhes proporcionar os típicos modelos de papel estereotipados que poderiam ter limitado suas próprias opções de vida.

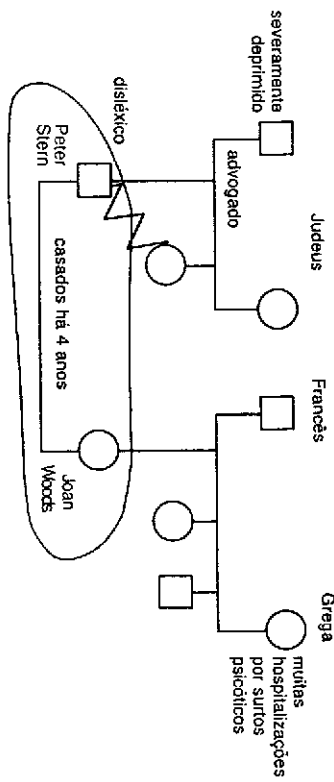



**Figura 2-2.** Família Woods/Stern.

A fase da transição para o casamento é um momento importante para ajudar as mulheres (e os homens) jovens a olharem além dos estereótipos que têm sido tão problemáticos para o desenvolvimento familiar. Os padrões estabelecidos nesse ponto do ciclo de vida podem ter uma grande importância mais tarde. Muitas mulheres jovens, nesse momento de suas vidas, resistem a enxergar os problemas de seus mitos românticos sobre o casamento, e muitas vezes só procuram a terapia depois do casamento, quando surgem os problemas. Mesmo então, nos primeiros anos do casamento, é muito mais fácil mudar os padrões do que mais tarde, quando eles já se firmaram.

## FAMÍLIAS COM FILHOS PEQUENOS

Com a transição para a paternidade, a família se torna um grupo de três, o que a transforma em um sistema permanente. Se um cônjuge sem filhos parte, não resta nenhum sistema, mas, se uma pessoa deixa a nova tríade do casal e do filho, o sistema sobrevive. Dessa forma, simbolicamente e na realidade, essa transição constitui uma transição-chave no ciclo de vida familiar.



Mesmo para os "modernos" casais com duas carreiras, essa transição tende a assinalar uma reversão a uma divisão de papéis mais tradicional, com as mulheres fazendo a maior parte da manutenção doméstica e encarregando-se do cuidado das crianças. A família tradicional freqüentemente não apenas encorajava, mas inclusive exigia padrões disfuncionais, tais como a super-responsabilidade das mães por seus filhos e a complementar sub-responsabilidade ou desobrigação dos pais (Avis, 1985). Nós gostaríamos de sugerir uma maneira muito diferente de pensar a respeito da paternidade. Como Daniels e Weingarten (1983) descreveram, "A paternidade é um poderoso gerador de desenvolvimento. Ela nos proporciona uma oportunidade de aperfeiçoar e expressar quem somos, de aprender aquilo que podemos ser, de nos tornarmos alguém diferente". Uma das mães de seu estudo disse o seguinte: "Os filhos desafiam a ser mais do que você pensava ser, a dar mais do que você imaginava ter em você para dar. Naquelas madrugadas, você aprende alguma sobre si mesma" (página 1). A literatura desenvolvimental, fortemente influenciada pela tradição psicanalítica dominada pelos homens, centrava-se quase exclusivamente nas mães, colocando uma ênfase extraordinária no relacionamento mãe-criança nos primeiros anos de vida, com a exclusão de outros relacionamentos na família e de fases desenvolvimentais posteriores (Lewis e colaboradores, 1984). Kagan (1984) chamou a nossa atenção para a mitologia envolvida em nossas suposições sobre a importância do período de bebê e da infância inicial na determinação do restante da vida humana. O modelo psicanalítico também enfatizava a visão do desenvolvimento humano como um processo primariamente doloroso, em que a mãe e a criança eram vistas como adversárias. As suposições acerca do desenvolvimento nos primeiros anos levou a um determinismo psicológico que considerava a maternidade responsável por qualquer coisa que acontecesse. A fantasia de que as mães eram todo-poderosas levou a uma tendência a culpar as mães por tudo aquilo que desse errado e a esperar que elas fossem perfeitas, inteiramente generosas e inteiramente sábias (Chodorow & Contratto, 1982). Grande parte da literatura feminista continuou a centrar-se na maternidade, localizando a díade mãe-criança dentro de um sistema patriarcal (Dinnerstein, 1976; Chodorow & Contratto, 1982). Nós insistimos em uma perspectiva bastante diferente do desenvolvimento humano, a que vê o desenvolvimento da criança na riqueza de seu contexto global de relacionamentos familiares multigeracionais, assim como dentro de seu contexto social e cultural. A literatura e a mídia continuam a focar a mãe como o componente crucial do desenvolvimento sadio da criança. Os pais ainda são representados como adjuntos periféricos (normalmente para proporcionar um pouquinho de apoio extra para a mãe), particularmente até que a criança seja verbal e não use mais fraldas. E as tias, tios, avós e outros parentes quase nunca são mencionados na literatura sobre o desenvolvimento da criança (Lewis e colaboradores, 1984).

Também é curioso quão não-sistêmica tem sido a literatura desenvolvimental ao ignorar o poderoso impacto das crianças sobre o desenvolvimento adulto. Dessa maneira, o potencial para a mudança e o crescimento nos pais, na medida em que eles respondem ao desdobramento da vida de seus filhos, é perdido. Conforme Daniels e Weingarten (1983) colocam: "Uma vez que os homens, tradicionalmente, não se dedicavam a cuidar dos filhos, a paternidade — a experiência nuclear da produtividade — está singularmente ausente de seu senso do próprio desenvolvimento" (página 5), como fica evidente quando Erikson ignora o assunto completamente.

A transição para a paternidade é tipicamente acompanhada por uma diminuição geral na satisfação conjugal, por uma reversão a papéis sexuais mais tradicionais inclusive nos casais com duas carreiras, e por uma diminuição da auto-estima nas mulheres (Cowen & Cowen, 1985). Isso tende a ser verdade mesmo para os casais com uma distribuição de papéis mais igual, nas primeiras fases de seu relacionamento e casamento. A transição para a paternidade tende a empurrá-los de volta

para papéis sexuais mais tradicionais. Muito poucos casais compartilham igualmente as tarefas domésticas e as responsabilidades pelos cuidados dos filhos.

Recentemente, tem-se falado muito sobre maridos e mulheres compartilharem aulas de pré-natal e o parto. Entretanto, virtualmente ainda não existe nenhuma preparação dos homens para as tarefas muito mais complicadas e duradouras de criar os filhos. Em nossa opinião, esta é uma importante área para intervenção quando trabalhamos com famílias neste estágio do ciclo de vida. Os pais raramente têm alguma experiência com crianças pequenas, de modo que eles precisam aprender a arte da intimidade com crianças. Isso, basicamente, requer um tempo sozinho com a criança; quando suas esposas estão presentes, pode ser extremamente difícil para eles assumirem a responsabilidade primária por um filho ou desenvolver laços afetivos estreitos.

A nossa cultura ainda deixa as mulheres com a principal responsabilidade pela criação dos filhos, e as culpa quando alguma coisa dá errado. Setenta e três por cento das mães com filhos em casa trabalham, e 60% destas mães não têm nenhuma licença de maternidade garantida (um direito básico em 117 outros países) — e nós temos gasto 25% menos do dinheiro público nesse atendimento desde 1980. Assim, fica claro que as mães não estão recebendo apoio social para as tarefas que delas se espera quando se tornam mães. Mesmo quando os pais começam a participar mais ativamente da relação com os filhos, são as mães, incluindo as mães com dupla jornada, que suportam a maior parte da responsabilidade de atender às necessidades dos filhos. Isso inclui levar as crianças ao médico, resolver problemas escolares, dar o dinheiro para o lanche e participar das atividades depois da escola.

É difícil determinar quais são realmente as diferenças biológicas entre os homens e as mulheres, uma vez que a socialização tem um impacto tão poderoso e tão inicial. Nós realmente sabemos que é mais provável que os bebês do sexo feminino sobrevivam à experiência de nascimento e que é menos provável que tenham defeitos de nascença, e que as mulheres são menos vulneráveis à doença durante a vida. Além disso, nós nos perguntamos quão mais ricos seriam os padrões de ambos os sexos se tanto os homens quanto as mulheres participassem ativamente na criação dos filhos. Por exemplo, estudos de recém-nascidos demonstraram a tendência a encorajar mais a atividade física nos meninos e a dependência nas meninas (Romer, 1981; Lewis & Weintraub, 1974; Maccoby & Jacklin, 1974). Dada a presente socialização, parece que as meninas já tendem, em seus brinquedos infantis, a ser mais sensíveis aos relacionamentos e a evitar a competição. Aos três anos de idade, os meninos são mais orientados para outros homens, para seus iguais e para pessoas que não fazem parte da família, ao passo que as meninas são mais orientadas para as mulheres, membros da família e adultos (Lewis e colaboradores, 1984). Dessa forma, os meninos podem ser dirigidos para longe do lar já na pré-escola, ao passo que as meninas estão sendo socializadas para os relacionamentos familiares. Embora os meninos raramente interrompam seus jogos por causa de disputas, as meninas os interrompem (Lever, 1976). Mas a maior diferença no início da infância é que as meninas desenvolvem mais cedo a capacidade da linguagem e os meninos tendem a ser mais ativos. Estudos de bebês demonstram que os pais falam e olham mais para as meninas e brincam de forma mais agitada com os meninos.

Dada a extensão da influência de nosso sistema patriarcal, é realmente surpreendente não terem sido encontradas mais diferenças entre os sexos. Por exemplo, em um estudo dos dez principais programas de televisão infantis, quatro não tinham nenhuma mulher e os outros seis tinham predominantemente homens, com algumas mulheres muitas vezes apresentadas como submissas ou como feiticeiras ou criaturas mágicas. Um estudo das estórias infantis mostrou que poucos dos personagens principais eram do sexo feminino, e aqueles que eram eram principalmente observadoras, não centrais para a ação, e eram quase sempre apresentadas como usando aventais (mesmo animais do sexo feminino), como que para reforçar seus papéis



como empregadas domésticas (Romer, 1981). Mesmo no programa educativo Vila Sésamo, extremamente popular, nem um dos personagens principais é do sexo feminino.

Kagan e Moss (1962), em um estudo longitudinal de crianças, investigaram a realização orientada dos adultos apoiada nos seus relacionamentos com suas mães. (Eles não observaram seus relacionamentos com os pais, por mais estranho que pareça!) Eles descobriram que os homens haviam tido relacionamentos amorosos muito estreitos com suas mães durante o período de bebê, ao passo que as mulheres haviam tido uma intimidade menor do que a média com as suas mães. Hoffman (1972) sugeriu que isso acontece assim porque uma filha terá mais chances de se tornar orientada para a realização se não experenciar o treinamento em dependência que foi descrito como mais típico para meninas.

Os dados sobre as crianças criadas apenas com um progenitor não são claros. Realmente parece que uma menina criada sem o pai pode ter maior dificuldade em estabelecer relacionamentos com homens, e um menino pode demonstrar um comportamento extremamente masculinizado [possivelmente porque a sensibilidade da mãe à falta de um pai pode levá-la a colocar uma ênfase exagerada nesse comportamento (Romer, 1981)]. Por outro lado, as crianças criadas pelas mães em uma estrutura doméstica de progenitor solteiro provavelmente não experenciar relacionamentos mais colaborativos e democráticos durante a infância, o que pode ser uma força especial em nossa sociedade competitiva, hierárquica (Hartman, 1987).

No tratamento das famílias nessa fase do ciclo de vida, é importante perguntar detalhadamente a respeito das responsabilidades em casa, assim como sobre o manejo das finanças e das condições de educação e cuidado dos filhos. Evidentemente, os homens que não desenvolvem relacionamentos íntimos com seus filhos, enquanto eles crescem, acharão difícil modificar o padrão mais tarde. Também é importante deixar clara a importância daquilo que as mulheres têm feito na família, uma vez que seu papel é freqüentemente tratado como menos importante que o de seus maridos. Algumas perguntas típicas seriam:

- Ambos os pais costumam participar das atividades e eventos esportivos da escola?
- De que maneira seus filhos estão modificando sua perspectiva em relação ao significado de sua vida?
- O pai costuma passar um tempo sozinho com cada filho? (É quase impossível criar intimidade se ele não fizer isso.) E esse tempo está igualmente dividido entre as filhas e os filhos?
- Como as responsabilidades domésticas são divididas?
- Como e quem maneja o dinheiro?
- Quais são as esperanças e expectativas de cada progenitor para cada um dos filhos na idade adulta?

*Exemplo de caso: Família com Filhos Pequenos*

George e Eleanor Durks procuraram terapia depois de quatro anos de casamento (veja a figura 2.3). Eles tinham uma filha de três anos, de ambos, e George tinha três filhos crescidos de seu primeiro casamento. Como freqüentemente acontece, era Eleanor quem se queixava: George, disse ela, não lhe dava nenhum *feedback* e nem ao menos sabia os nomes das amiguinhas de sua filha, embora tivesse a reputação de ser um negociador extremamente hábil na sua coorporação jurídica, na qual tinha uma posição de alto nível. Na opinião de Eleanor, seu marido não passava nenhum tempo com sua filha, Melissa, desaprovava a família de Eleanor, desaprovava férias, e inclusive divertir-se junto em fins de semana, e, em resumo, não tinha nenhum interesse além do trabalho. George foi muito menos verbal na sessão inicial, dizendo, quando pressionado, que ele não conseguia entender sobre o que sua mulher estava falando, uma vez que ele tenta-

$ 200,000 por ano
62-79
53
LLB.
George
parou de trabalhar há 3 anos
conheceram-se em 80 e casaram-se em 82
37
LLB.
Eleanor
83-
3
Melissa

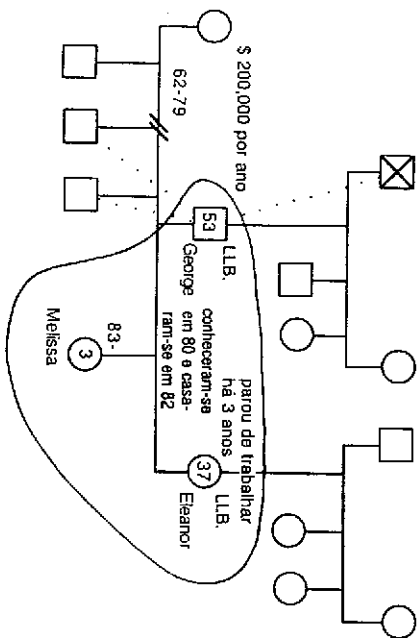



*Figura 2-3. Família Durks.*

va dar-lhe tudo e não fazia nada além de trabalhar para proporcionar a eles uma vida boa. Ele disse que Eleanor muitas vezes agia irracionalmente, explodindo na frente dos amigos, mas ele, basicamente, não parecia querer nada, a não ser que ela parasse de se queixar, para que eles pudessem continuar com sua vida. O casal se conhecera quando estavam ambos trabalhando para a mesma firma de advocacia, onde George era um sócio sênior e Eleanor uma advogada. Esse encontro aconteceu logo depois de George ter passado por um tempestuoso divórcio de sua primeira esposa, que ele descreveu como "completamente louca". Inicialmente, disse ele, achara Eleanor muito compreensiva e interessada. Agora, ela não prestava mais atenção às preocupações dele e nada fazia além de reclamar. Eleanor deixara seu emprego quando Melissa nascera e não voltara a trabalhar. Ela ficou muito defensiva quando George lhe disse que ela não era mais tão interessante quanto costumava ser.

Esse casal parecia ter entrado num padrão comum depois do nascimento da filha, no qual o modo anterior de relacionamento, baseado nas queixas de George sobre seu casamento prévio, e em interesses comuns em lei e política, havia mudado para o padrão conjugal tradicional. Entretanto, Eleanor estava infeliz com isso, embora não quisesse voltar a trabalhar e desistir de sua proximidade com a filha apenas para recuperar George. Ela falou francamente sobre sua ansiedade, caso levasse George ao ponto de uma separação, pois seu estilo de vida mudaria dramaticamente para pior, uma vez que o salário dele era quase $200,000, e, mesmo se ela voltasse a trabalhar, não ganharia mais de $40,000. Superficialmente, George não parecia preocupado com a possibilidade de ter um segundo casamento fracassado. Sendo consideravelmente mais velho, e tendo criado três filhos em um casamento extremamente tradicional, em que não tinha quase nada para fazer com os filhos até eles estarem suficientemente crescidos para jogar baseball, ele também não esperava desenvolver um relacionamento muito estreito com Melissa durante seu período de bebê ou no início da infância.

Para deixar claras as mudanças de papel sexual que pareciam cruciais no dilema desse casal, a terapia começou a explorar as primeiras experiências infantis de ambos os cônjuges, e a discutir em detalhes com eles o tipo de relacionamento que haviam tido com cada progenitor, e o que esperavam deles próprios. George vinha de uma família de três filhos homens, com um pai que era um homem de negócios bem-sucedido e distante, e uma mãe que desempenhava o papel de mártir hipocondríaca — em parte, achava ele, para conseguir a atenção do pai. George, inicialmente, fora atraído pela competência de Eleanor e por sua atitude compreensiva, tão diferente da de sua mãe. Na família de Eleanor, a mãe era não-assertiva e submissa ao pai, um alcoolista abusivo e irresponsável. Eleanor foi primeiramente atraída pelo sucesso de George e por seu calor em relação a ela, tão diferentes dos de seu próprio pai. Foram realizadas várias sessões apenas com George, discutindo-se seu relacionamento limitado com os três filhos adultos, e a preocupação da terapeuta de que se ele não modificasse o padrão, perderia também a chance de proximidade com sua última filha. Ele foi instado a não competir com a esposa pelo tempo passado com Melissa, mas para passar algum tempo sozinho com ela, pois de outra forma provavelmente seria impossível que ambos viessem a se conhecer. Explorar seus sentimentos sobre o relacionamento com Melissa parecia mais fácil do que passar diretamente para o casamento, uma vez que estava tão magoado e tinha tão pouco senso do que estava errado ou do que ele poderia mudar. Foi sugerido, ao invés, que ele se esforçasse para conhecer melhor seus filhos e sua filha, e depois sua mãe, numa preparação para descobrir uma maneira diferente de relacionar-se com a esposa.



Enquanto isso, a terapeuta confirmou o sentimento de frustração de Eleanor, ao mesmo tempo em que tentava ajudá-la a planejar maneiras mais efetivas de atingir seus objetivos, em vez de queixar-se. Ela foi encorajada a ter prazer com a filha e a obter o máximo de gratificação possível a partir de sua rede de amizades. (Eleanor tinha muitos amigos, mas sentia-se culpada de não ser capaz de ter uma vida social que servisse também para George.) Ela também foi encorajada a passar algum tempo com sua família de origem, o que ela gostava de fazer, sentindo culpa por isso, uma vez que George não ficava à vontade com eles. O principal propósito dessas intervenções era o de ajudar Eleanor a definir seus interesses e desejos próprios, e não apenas baseada nos sentimentos de George.

Gradualmente, George começou a apreciar a gratificação de estar com a filha e a gostar de passar o fim de semana junto com Eleanor e Melissa. Eleanor parou de pressionar por uma proximidade que não conseguia obter, e a insistir somente quando era realmente importante para ela. Ela começou por esclarecer as finanças, por exigir uma responsabilidade por Melissa compartilhada, e por passar mais tempo com ele, como casal. Eleanor sentia-se culpada e desqualificada sempre que trazia sua preocupação pelo relacionamento deles. A terapia confirmou a experiência de Eleanor de não-intimidade com George. As limitações dele foram formuladas, para ambos, como originadas da estrutura patriarcal da sociedade, que prejudica os homens nos relacionamentos humanos e as mulheres em outras áreas de funcionamento.

Como acontece tão freqüentemente com as mulheres, a voz de Eleanor precisava de confirmação. Belenky e seus colegas relataram um estudo de entrevistas com mulheres, no qual elas falavam repetidamente em "ganhar uma voz", — referindo-se, em outras palavras, a ganharem um sentido pelo que valesse a pena dizer e sentir a segurança interior de dizê-lo. Em sua luta para ganhar uma voz, as mulheres muitas vezes precisam que sua experiência de não serem ouvidas seja validada.

Eleanor sentia-se desqualificada sempre que tentava esclarecer sua posição para o marido. E ele fora criado para não ouvir nem ser sensível à sua reclamação. Foram necessários repetidos esforços por parte dela para falar francamente e assegurar que sua posição fora articulada e escutada, e George custou para perceber que ele realmente nunca a escutara.

## FAMÍLIAS COM ADOLESCENTES

Erikson (1968) descreve o desenvolvimento das adolescentes como diferente do dos garotos, no sentido de que elas mantêm em suspenso sua identidade conforme se preparam para atrair os homens por cujos nomes passarão a ser conhecidas, e por cujo *status* serão definidas — os homens que, como Gilligan (1982) diz, irão salvá-las do vazio e da solidão, preenchendo o "espaço interno" (página 12). Nossa preocupação é a de que essas atitudes em relação às meninas, que definem seu desenvolvimento em termos de sua capacidade de atrair um homem, são prejudiciais à sua saúde mental, deixando-as carentes de auto-estima; elas podem temer que se parecerem espertas, altas, assertivas ou competentes demais, correrão o risco de perder suas chances de ter um relacionamento íntimo com um homem. É por adaptar-se às normas sociais que, durante os anos de adolescência, as meninas muitas vezes confundem identidade com intimidade, definindo-se através dos relacionamentos com os outros. Assim, é importante questionar essas normas, uma vez que elas colocam a menina num compromisso impossível, em que você somente será sadia se definir a sua identidade, não por você mesma, mas por seu companheiro.

Por alguma razão, parece haver certas fases no desenvolvimento, incluindo a pré-escola e a adolescência, em que as crianças parecem se ater mais rigidamente a estereótipos de papel sexual — ainda mais do que seus pais ou professores. É importante não encorajar essa estereotipia, mas estimular as meninas, especialmente, a desenvolverem suas próprias opiniões, valores, aspirações e interesses. Clinicamente, quando trabalhamos com adolescentes e suas famílias, é importante fazer perguntas sobre os papéis que se espera que cada um desempenhe na família. Quais são as tarefas e responsabilidades dos meninos e das meninas? Os filhos são encorajados a desenvolver as capacidades sociais, ou os pais focalizam primariamente sua realização e desempenho nos esportes? As filhas são encorajadas a ter aspirações acadêmicas elevadas? Ambos recebem igual responsabilidade e encorajamento para lidar com a instrução, esportes, aspirações para o futuro, relacionamentos com a família ampliada, presentear, escrever cartas, telefonar ou cuidar de parentes? Ambos compram e limpam suas próprias roupas? As meninas são encorajadas a aprender a respeito de dinheiro, ciências e outros assuntos "masculinos"?

Embora os convencionais valores de gênero sejam particularmente altos durante a adolescência, é também nessa fase crucial que são tomadas as decisões modeladoras de vida. É extremamente importante que o terapeuta transmita os fatos sobre a vida adulta de maneira compelativa. Como Alexander e seus colegas (1985) dizem, a respeito das intervenções com adolescentes delinqüentes do sexo feminino, "A informação sobre os diferentes salários de uma secretária e de um operador de máquina, as estatísticas sobre as mulheres na força de trabalho, e os dados sobre as estruturas domésticas empobrecidas de progenitor solteiro aumentam a probabilidade de que a delinqüente tome cuidadosas decisões a respeito de seu futuro" (página 141).

Durante a adolescência, as filhas ficam particularmente divididas entre a identificação com a mãe e a identificação com o pai. Uma filha que é íntima da mãe numa família tradicional pode sentir-se traidora, se seguir, em suas aspirações de carreira, para uma vida diferente da da mãe e para uma identificação de papel com seu pai (Hare-Mustin, 1978).

Um problema comum nessa fase é o relacionamento pai-filha. Os pais muitas vezes sentem-se desajeitados na relação com as filhas, conforme elas se aproximam da adolescência, temendo sua florescente sexualidade. Dado o repertório masculino freqüentemente limitado para lidar com a intimidade, eles às vezes podem sexualizar o relacionamento, ou podem retrair-se, e inclusive ficar irritados ou zangados, como uma maneira de manter a distância que sentem ser necessária. Eles talvez precisem ser encorajados a envolver-se ativamente com suas filhas ao invés de evitá-las. É possível que eles se envolvam mais facilmente com os filhos, com quem as atividades compartilhadas, tais como os esportes, permitem um companheirismo sem pressões excessivas para um relacionar-se íntimo. A indisponibilidade dos pais em relação às filhas pode levá-las a desenvolverem uma imagem do homem como um romântico estranho, uma concepção irreal que não será adequada quando elas atingirem a vida adulta (Hare-Mustin, 1978).

Por outro lado, especialmente no caso dos homens que têm apenas filhas, esta fase pode assinalar sua conversão a uma posição feminista, na medida em que querem apoiar suas filhas para que tenham os mesmos direitos e privilégios que os homens têm. É importante tirar proveito terapêutico dessa conscientização. O fato de ter apenas filhas aumenta a probabilidade de os pais perceberem as desigualdades de gênero. Especialmente quando suas filhas se tornam adolescentes e avançam para a idade adulta, um pai pode, pela primeira vez, perceber as limitações impostas pelos atuais estereótipos de gênero à futura carreira e opções de vida da filha. Esse aumento de sensibilidade, é claro, ocorrerá mais provavelmente se o pai já desenvolveu um relacionamento íntimo com a filha, na infância. As mães podem sentir-se sob tensão na medida em que os filhos partem, particularmente quando percebem as limitações em suas opções, caso tenham-se dedicado essencialmente à criação dos filhos.



*Exemplo de Caso: Final da Adolescência*

A Sra. Reid pediu que sua filha de 19 anos, Joyce, fosse atendida, pois seus hábitos alimentares haviam chegado ao ponto em que ela só comia peru e alface, e o Sr. Reid observara que ela parecia um esqueleto quando punha um maiô. O genetograma (Figura 2-4) mostra que o Sr. Reid era um consultor cujo trabalho o fazia ficar longe de casa cerca de seis meses por ano. Durante essas viagens, a Sra. Reid deveria estar sempre em casa caso ele resolvesse telefonar, mas ele recusava-se a permitir que ela o acompanhasse em suas viagens de negócios, ou mesmo telefonasse para ele quando estava fora. Joyce era a mais jovem de duas filhas, tendo sua irmã Sara ingressado na faculdade local um ano antes dela. A Sra. Reid também era a mais jovem de duas filhas. Seu pai sempre fora tratado como se estivesse em um pedestal. Sua esposa e filhas o serviam — ao ponto de passar a ferro suas meias —, apesar do fato de ele manter um caso bastante declarado com uma vizinha do mesmo prédio de apartamentos. A mãe do Sr. Reid morrera em um acidente de carro quando ele tinha três anos de idade, na mesma época em que ele fora hospitalizado por tuberculose. Logo depois de ele voltar para casa, seu pai casou novamente e teve outro filho. O pai também ficava longe por longos períodos e teve muitos casos durante a infância do Sr. Reid.

Ficou claro que Joyce sentia-se em conflito entre sua lealdade ao pai, que exigia que ela se saísse bem na escola e ingressasse nos negócios, e sua lealdade à mãe, para quem servia como confidente com relação à insensibilidade e descuido do pai. Ela tinha medo de deixar a mãe, cujas necessidades sentia intensamente, e ser enganada, caso escolhesse um relacionamento insatisfatório como o que havia entre seus pais.

Uma vez que o problema de alimentação de Joyce parecia refletir seu dilema de ciclo de vida referente às questões de gênero, dedicamos bastante tempo a explorar as esperanças de ambos os pais com relação às filhas, assim como as próprias aspirações destas e como percebiam as mensagens dos pais. A certa altura, para deixar claro o papel oculto central de Joyce na família, ela ficou responsável por decidir quem deveria vir às próximas sessões. Na primeira sessão, ela trouxe apenas o pai. Ficou claro que ela queria ver se ele estava pronto para assumir o relacionamento com a mãe, o qual ela sentia que ele lhe havia relegado. Na sessão seguinte, ela trouxe apenas a mãe, e o tema foi a irmandade das mulheres ao longo das gerações. Foram discutidos os namorados de Sara e de Joyce, e se o equilíbrio masculino/feminino na família seria modificado, nesta geração, deixando de ser a primazia da "irmandade" em relação a todos os outros relacionamentos. A Sra. Reid tinha certeza de que não, dizendo que o recente afas-

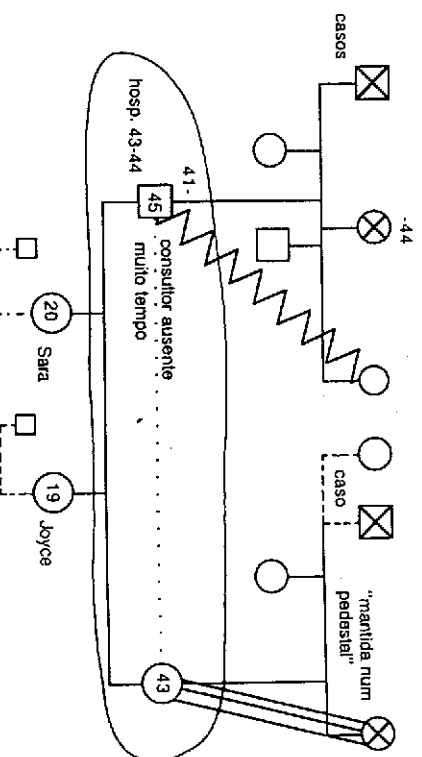



*Figura 2-4. Família Reid.*

tamento de Sara com seu namorado era apenas temporário, na medida em que ela mesma se distanciara enquanto namorava o Sr. Reid; depois do casamento, ela retornara ao vínculo primário com sua mãe e irmã, e afirmou inequivocamente que seu relacionamento com a mãe fora o mais importante de sua vida. Conforme ela colocou, "Ter uma mãe é tudo" — apesar do fato de ela sentir que sua mãe morrera de "coração partido" depois da morte do marido, quase como se as imagens idealizadas dos homens fossem adoradas em abstrato, ficando nas mulheres a verdadeira intimidade. Quando perguntamos se o namorado de Joyce poderia romper o padrão e exigir maior intimidade do que os outros homens da família haviam exigido, tanto a mãe quanto a filha disseram que essa era uma preocupação desnecessária, tão profundamente aceitos eram os padrões com os quais estavam familiarizadas.

Durante a última parte da terapia, as mudanças no papel feminino nesta geração foi um foco primário de atenção. Joyce buscou a permissão da mãe, e inclusive encorajamento, para levar um tipo de vida diferente; o Sr. Reid procurou desenvolver uma maior intimidade com suas filhas, uma experiência inteiramente nova para ele, não somente com suas filhas, mas com qualquer pessoa. Foi atingido um ponto decisivo em sua forma de relacionar-se, numa sessão em que sua irmã mais velha participou para discutir suas antigas experiências de vida compartilhadas e seu atual relacionamento. Não surpreendentemente, a irmã do Sr. Reid sentia a mesma distância ao lidar com ele que sua esposa e filhas sentiam, mas as impressões dela ampliaram o contexto das discussões terapêuticas.

Os membros da família foram encorajados, de todas essas maneiras, a aumentar sua flexibilidade, particularmente em sua definição dos papéis masculinos e femininos, e a experimentar as novas possibilidades, de modo que o pai pudesse ser mais emocional e a mãe e as filhas mais claramente assertivas e exigentes, para o seu próprio bem.

Muitas vezes, os relacionamentos de um homem com outros homens — um pai, irmão, filho, um companheiro de exército, ou amigo de infância — proporciona a melhor via para seus sentimentos. Para aqueles que serviram no exército, suas experiências de guerra talvez sejam as únicas experiências com intensidade emocional suficiente para colocá-los em contato com qualquer sentimento forte. Às vezes, é possível entrar no sistema emocional de um homem através de uma discussão de seu sistema de trabalho, particularmente das questões que envolvem um chefe bastante antigo. Mas freqüentemente a negação das questões emocionais constitui um valor tão poderoso no ambiente de trabalho, que é impossível fazer qualquer avanço aqui. No caso do Sr. Reid, não existia nenhum homem próximo.

## LANÇANDO OS FILHOS E SEGUINDO EM FRENTE

Essa é a fase mais longa no ciclo de vida familiar, durando muitas vezes vinte anos ou mais. Existe uma tendência, nos homens e nas mulheres, a irem em direções opostas, em termos psicológicos, no momento em que seus filhos passam a viver suas próprias vidas. Os homens, talvez percebendo que perderam a maior parte da intimidade do período de desenvolvimento de seus filhos, podem começar a buscar intimidade, ao passo que as mulheres, depois de anos centrando-se em cuidar dos outros, começam a sentir-se energizadas para desenvolver suas próprias vidas — carreiras, amizades fora da família, e outras atividades. A descoberta, celebrada pelos homens no meio da vida, da importância da intimidade e dos relacionamentos, é algo que as mulheres sabiam desde o início. A auto-estima e confiança que vêm do trabalho sempre foi conhecida pelos homens, pelo menos por aqueles da classe média. Mas para a mulher esse pode ser um momento de estresse especial, pois elas muitas vezes sentem-se muito atrás no que se refere às capacidades de lidar com o mundo externo. Justo no momento em que seus filhos não precisam mais delas e quando estão começando a ser definidas pelo mundo masculino como velhas demais para serem desejáveis, elas precisam aventurar-se lá fora. Os passos iniciais geralmente são os mais difíceis. Uma vez que começaram a mover-se nessa arena, muitas mulheres sentem uma nova confiança e prazer com sua independência — não precisar mais colocar as necessidades de todos os outros em primeiro lugar. Em virtude das capacidades sociais e de manejo que geralmente desenvolveram em fases prévias do ciclo de vida, as mulheres possuem recursos notáveis para construir uma rede social. Sua vitalícia capacidade de adaptar-se a novas situações também lhes é extremamente vantajosa. Mas o mundo do trabalho ainda não reconhece seus esforços de maneira proporcional às suas contribuições. E as mulheres, tipicamente, não foram socializadas para esperar ou exigir o reconhecimento que merecem.

Obviamente, a divergência de interesses masculinos e femininos, assim como a mudança no foco das energias necessária nesta fase, muitas vezes cria sérias tensões conjugais (Hesse-Biber & Williamson, 1984). Esses estresses podem precipitar o afastamento ou inclusive o divórcio. Os homens que se divorciam perdem os cuidados proporcionados por uma esposa e casam novamente de forma muito rápida, normalmente com uma mulher mais jovem. No caso das mulheres, cujas opções de recasamento são bem mais limitadas, as probabilidades de recasamento depois de um divórcio nesta fase são bem pequenas. Em parte, isso pode ser atribuído à assimetria na disponibilidade de parceiros e, em parte, ao fato de que as mulheres mais velhas têm menor necessidade de serem casadas e, assim, talvez estejam menos inclinadas a "estabelecerem-se", particularmente num casamento tradicional que significará um retorno aos cuidados extensivos.

As mulheres que desenvolveram uma identidade primariamente através da intimidade e adaptação aos homens estarão particularmente vulneráveis ao divórcio durante a fase de lançamento, quando podem sentir que seu próprio eu está se desintegrando. A observação de Gilligan de que a inserção das mulheres nos relacionamentos, sua orientação para a interdependência, sua subordinação da realização aos cuidados, e seus conflitos em relação ao sucesso competitivo as deixam vulneráveis no meio da vida, parece mais um comentário sobre nossa sociedade do que um problema no desenvolvimento feminino. No presente, 42% das mulheres entre 55 e 64 anos estão na força de trabalho, comparados a 27% em 1950, mas seus benefícios são iguais aos dos homens e os tipos de empregos mal-remunerados: a discriminação de sexo que geralmente favorece os homens não mudou muito nos últimos quarenta anos.

É também nesse momento que as mulheres tipicamente entram na menopausa. Essa transição geralmente era considerada, por termos negativos, como uma época de sofrimento físico e psicológico, conforme as mulheres avançavam para a velhice. Pelo contrário, para muitas mulheres esse é um ponto decisivo que as libera sexualmente de preocupações a respeito de gravidez, e assinala uma nova estabilização em suas energias para procurarem trabalho e atividades sociais.

Essa fase do ciclo de vida, freqüentemente chamada de "ninho vazio", é muitas vezes retratada como uma época de depressão para as mulheres, especialmente para aquelas cujas vidas foram inteiramente dedicadas ao lar e à família. Entretanto, a recente literatura sobre essa fase sugere que esse fenômeno é muito mais imaginado do que real. Geralmente, as mulheres ficam gratas pela oportunidade de recapturar o tempo livre e explorar novas opções. Elas não lamentam tanto o fim da época de criar os filhos como se imaginava.

### *Exemplo de Caso: Lançando os Filhos e Seguindo em Frente*

Nell Byrne, de 54 anos de idade, procurou terapia em virtude de um rompimento total de relações com sua filha de 30 anos, Elizabeth, que vivia na mesma casa, onde moravam as duas famílias, mas que não falava com a mãe há um ano (veja a Figura 2-5). Nell havia voltado para a casa dos pais após separar-se precocemente de seu marido alcoolista, embora os detalhes da separação jamais tenham sido discutidos. Ela fora a terceira de oito filhos. Sua própria mãe era cronicamente doente, e seu pai fora

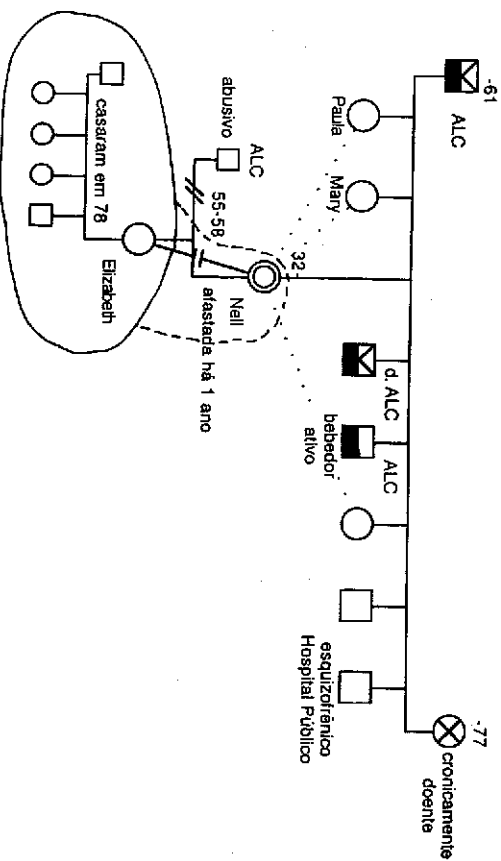



*Figura 2-5. Família Byrne.*

um alcoolista pacífico durante muitos anos. Desde o momento em que voltou para casa, ela tornou-se a cuidadora primária de ambos os pais, embora trabalhasse e sua mãe tomasse conta de Elizabeth durante o dia. Na medida em que passavam os anos, Nell tornou-se cada vez mais alienada de suas três irmãs, em conseqüência de mágoas e sentimentos de raiva, jamais discutidos abertamente, a respeito dos cuidados aos pais. O Sr. Byrne morreu quando Elizabeth estava com cinco anos, e a Sra. Byrne quando ela estava com 21. Elizabeth casou no ano seguinte, e teve quatro filhos em rápida sucessão. Nell herdou a casa e Elizabeth e sua família moravam no andar térreo, pagando-lhe um aluguel. Dois anos antes de ela procurar terapia, Nell perdera seu emprego como secretária jurídica quando houve uma reorganização da firma, e não se sentia capaz de procurar um novo, temendo que a perda do emprego tivesse resultado de sua inadequação pessoal. Ela se afastara dos amigos, uma vez que, como ela dizia, "Ninguém gosta de estar perto de uma queixosa deprimida". E a tensão em seu relacionamento com a filha chegara a um ponto em que Elizabeth deixara de falar com ela. Depois disso, Nell também deixara de relacionar-se com suas irmãs, aparentemente porque elas sentiam que seria muito constrangedor, nos feriados, convidar tanto Nell quanto Elizabeth para as funções familiares, uma vez que elas não se falavam. Um estresse adicional era o fato de que os dois irmãos sobreviventes de Nell eram severamente disfuncionais — um deles um esquizofrênico crônico, paciente de um hospital estadual, com Nell como a parente primariamente responsável, e o outro um alcoolista declarado, que também usava Nell como seu recurso primário sempre que era preso ou hospitalizado.

Nossa avaliação da situação desta família foi que Nell estava experenciando o fracasso de uma vida como cuidadora, que, por várias razões, sentia não ser mais necessária àqueles a quem gostava, e não ser mais conveniente para os outros. Nós reavaliamos sua história de trabalho, que mostrou que ela tinha excelentes capacidades, tendo lutado para manter um escritório funcionando. Em resultado de conversas a respeito de antigas conexões profissionais, ela voltou a fazer contato com vários associados, e um deles lhe fez uma oferta de trabalho. Como parte da avaliação de seus relacionamentos familiares, decidimos convidar sua irmã mais velha mais próxima, Mary, para uma sessão, que acabou sendo extremamente proveitosa. Isso foi feito porque parecia que Nell precisava de uma redefinição do relacionamento como cuidadora, de modo a obter certo alívio de suas cargas, e também de mais apoio pessoal. Mary fora a irmã mais chegada a Nell durante a infância delas, e nós esperávamos agora utilizar a importância desse relacionamento inicial como base para um desenvolvimento.



Os relacionamentos das irmãs são geralmente os mais longos relacionamentos na vida. Uma vez que as mulheres sempre têm a responsabilidade primária pela família, os cuidados são geralmente divididos entre as irmãs. Muitas vezes, em virtude das responsabilidades que devem compartilhar e sem os recursos ou a autoridade para ajudar, elas podem voltar-se umas contra as outras. Os irmãos podem contribuir com dinheiro, o que requer menos em termos emocionais, e, no entanto, tendem a ser muito mais apreciados pelos pais que estão envelhecendo, por sua contribuição. Por outro lado, as irmãs podem tornar-se poderosos recursos uma para a outra com o passar da vida, quando ficam sem parceiros em resultado de morte ou divórcio. Infelizmente, a triangulação que se desenvolve nas famílias, particularmente em conseqüência da carga de cuidar dos pais, pode causar sentimentos de hostilidade entre as irmãs, e assim impedir aquele compartilhar especial que poderiam aproveitar por toda a vida.

Ficou evidente, na discussão entre Nell e Mary, que ninguém na família jamais soubera por que Nell se separara de seu marido. Ela ficara envergonhada demais para falar sobre seu alcoolismo e abuso, e os outros membros da família jamais haviam perguntado, mas haviam suposto que Nell tirara vantagem dos pais, ao voltar para a casa deles. Mary também não sabia da maioria dos detalhes acerca do alcoolismo do pai e das incapacidades da mãe. Ela nunca percebera o peso que Nell sentia ao cuidar dos pais. Nell ficara magoada porque ninguém jamais se oferecera para ajudar, ao passo que Mary, e aparentemente os outros, acharam que Nell aumentara os problemas dos pais em sua velhice. Ao discutirem os eventos ocorridos na vida de cada uma nos anos anteriores, as duas irmãs conseguiram iniciar uma aproximação, que tornou-se muito significativa para elas mais tarde, particularmente quando começaram a compartilhar a responsabilidade por seus irmãos disfuncionais, juntamente com os outros irmãos e irmãs. Nell, então, fez contato com sua irmã Paula, por conta própria, e iniciou o mesmo processo de reconexão. Finalmente, ela convidou a filha para participar de uma sessão. A queixa da filha era a de que Nell estivera cheia de desaprovação e desapontamento não-verbalizados, e que magoara seus sentimentos muitas vezes. Essa era uma repetição das lembranças mais nítidas de Nell da sua própria infância. Ela falou sobre suas próprias experiências ao crescer, sua luta para admitir que o casamento com o pai de Elizabeth fracassara, e seu retorno à casa dos pais. Os problemas com o lançamento na geração anterior estavam se repetindo nesta geração. Nell admitiu que tivera muito medo de que Elizabeth acabasse na mesma posição frustrante em que ela se encontrara. Indubitavelmente, suas ansiedades haviam sido transmitidas a Elizabeth como desaprovação. Elizabeth começou a ver sua mãe sob uma nova luz, como uma mulher muito forte que conseguira manter uma carreira apesar de muitos encargos difíceis ao longo dos anos.

Como muitas mulheres, Nell tinha de lutar com a culpa que sentia por deixar de ser a cuidadora primária dos membros doentes e agonizantes de sua família, uma situação que muitas vezes fica intensificada por não existir ninguém mais para assumir a tarefa. Essa constitui uma dificuldade específica para as mulheres da geração de Nell, que foram socializadas numa época em que tais responsabilidades eram assumidas automaticamente. É importante ajudar essas mulheres a recrutarem o apoio dos outros, em suas famílias, para compartilharem as decisões, responsabilidades e pressão emocional desses relacionamentos.

## FAMÍLIAS MAIS VELHAS

A fase final da vida poderia ser considerada apenas para as mulheres, uma vez que elas vivem mais tempo e, diferentemente dos homens, raramente estão acompanhadas por parceiros mais jovens, o que torna as estatísticas para essa fase do ciclo de vida extremamente desequilibradas (*Congressional Caucus for Women's Issues, New YorK Times*, 23/9/84):

- Seis em cada dez americanos com mais de 65 anos, e sete em cada dez acima de 85 anos, são mulheres.

- Dezessete por cento das mulheres americanas com mais de 65 anos têm rendimentos abaixo da linha de pobreza, em oposição a 10% dos homens.
- Quase metade das mulheres mais velhas têm rendimentos médios de menos de 5.000 dólares, em oposição a um em cinco homens.
- Mais de 80% das donas de casa idosas vivem sozinhas, e um quarto delas vive na pobreza.

A crescente proporção de mulheres bastante idosas nos próximos vinte anos pressagia inúmeros problemas. Como Hess e Soldo (1984) colocaram: "Os rendimentos das mulheres, inferiores aos dos homens por toda a vida de trabalho, continuam assim na velhice. Além disso, uma vez que a grande maioria das mulheres idosas é viúva, e as viúvas tipicamente moram sozinhas, seus índices de pobreza aumentam com a idade avançada. Torna-se cada vez mais difícil obter e manter uma moradia, particularmente a que depende da capacidade funcional em declínio" (página 2). Uma vez que as mulheres são as cuidadoras primárias das outras mulheres, esses problemas irão afetar pelo menos duas gerações de mulheres, que ficarão cada vez mais estressadas com o passar do tempo.

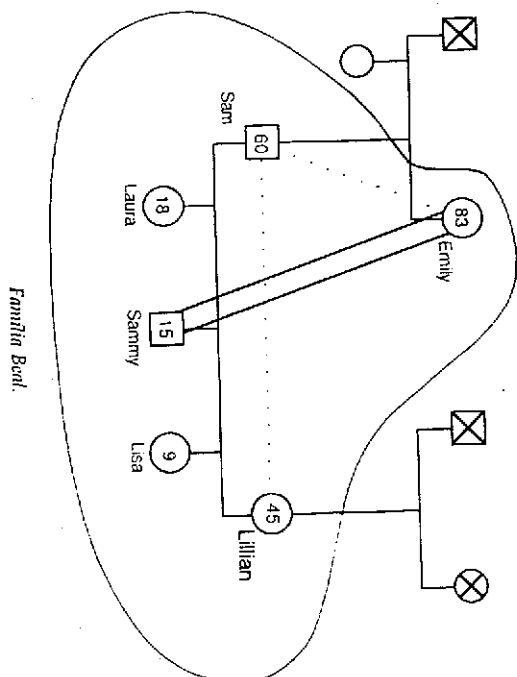
Aquelas mulheres que precisam de cuidados, e aquelas que os prestam, são estatisticamente as mais pobres e as que têm o menor poder legislativo em nossa sociedade. As leis são feitas principalmente por homens, e é dada pouca consideração a serviços que apóiem a capacidade das cuidadoras para que proporcionem o atendimento às pessoas de sua família. Vários estudos indicam que a razão imediata para a admissão em uma casa de saúde costuma ser o esgotamento dos recursos familares, mais do que uma deterioração na saúde do parente idoso (Hess & Soldo, 1984).

Embora o aumento nas famílias recasadas pudesse significar uma rede familiar maior para prestar cuidados, o crescente índice de divórcio e a fragmentação familiar provavelmente significam que um menor número de pessoas da família estará disposto a proporcionar cuidados aos pais idosos. Uma vez que tanto aqueles que prestam cuidados aos idosos quanto os que os recebem são mulheres, o assunto tende a ser esquecido em nossa perspectiva. Como terapeutas, nós precisamos anular esse desequilíbrio, redefinindo tanto os dilemas dos idosos quanto os de seus cuidadores como questões extremamente sérias e significativas.

*Exemplo de caso: Família Envelhecendo*

Lillian e Sam Beal inicialmente procuraram terapia (veja a Figura 2-6) por causa de sua filha mais velha, Laura. Entretanto, já na primeira sessão ficou claro que o maior problema era o lugar, na família, da velha mãe de Sam, Emily, de 83 anos de idade. Ela morava com Lillian e Sam desde o casamento deles, e sempre houve tensões entre Lillian e sua sogra. Sam recusara-se a pensar em deixar sua mãe morar num outro lugar, mas, ao mesmo tempo, raramente conversava com ela; nas palavras de Lillian, ele era "inacreditavelmente frio e insensível" em relação à mãe, embora geralmente fosse agradável com as outras pessoas. Laura, que começara a comportar-se de modo taciturno e negativo, logo estaria concluindo o segundo grau e partindo para a faculdade; ela era a mais sensível à pressão à qual a mãe estava submetida. Emily fora muito apegada às crianças, muitas vezes cedendo a elas, quando Lillian colocara limites. As crianças eram muito apegadas à avó, mas recentemente o filho, Sammy, havia-se irritado com os resmungos da avó. Sam recusava-se a discutir ou a intervir em qualquer um desses conflitos, mantendo uma atitude silenciosa, tentando lidar com todos quando a família estava reunida, e tendendo a ignorar tanto a mãe quanto a esposa. Lillian, com 45 anos de idade, voltara a trabalhar recentemente, pois Sam, com 60 anos, fora despedido pela companhia e somente conseguia encontrar empregos com um salário bem mais baixo. Lillian ficara ambivalente em relação a trabalhar. Ela ficara satisfeita por afastar-se da sogra, mas nervosa em relação a manejar um emprego depois de dezoito anos fora da força de trabalho assalariada, e também temia não ser capaz de manter as "suas" responsabilidades em relação aos filhos e à família. Atualmente, tendo trabalhado por



*Família Beal.*

seis meses, ela estava satisfeita com os amigos que fizera, mesmo que seu trabalho como secretária muitas vezes fosse tedioso. Ela estava cada vez mais ressentida por ter de ser responsável por todo o trabalho doméstico e pelas refeições, mesmo que o marido voltasse para casa mais cedo do que ela. E ressentia-se particularmente do fato de ter de prestar todos os cuidados necessários à sogra.

A terapia envolveu o questionamento de muitas das premissas a partir das quais essa família operava. A primeira mudança baseou-se num princípio simples: que cada cônjuge assumisse a responsabilidade pelas necessidades de seus próprios pais — enviar cartões, comprar presentes, manter contato e prestar cuidados —, embora seja difícil implementar essa atitude, porque as mulheres tendem a ser mais sensíveis às necessidades dos outros e sempre tiveram o papel de mantenedoras dos relacionamentos nas famílias. Lillian estava muito mais sintonizada com a solidão e ausência de *status* da sogra na família, assim como com suas necessidades físicas, seu desejo de privacidade, com aquilo que ela precisava comprar e com a necessidade de marcar hora em médicos e levá-la a esses compromissos. Emily, por sua vez, costumava procurar a nora, "não querendo incomodar" seu "ocupado" filho. Foi atribuída a Sam, agora, a responsabilidade primária pelas necessidades de sua mãe. Nós tivemos de acrescentar uma estrutura específica a esses novos arranjos; Sam começou a levar a mãe para tomar o café-da-manhã fora todos os sábados, para ficar um tempo sozinho com ela e para terem oportunidade de conversar a respeito de suas necessidades para a semana. Ele teve de aprender a ser responsivo a ela. Essa mudança envolveu um trabalho razoável sobre sua família de origem, voltando-se à sua infância e ao seu relacionamento com ambos os pais, para que ele pudesse entender como se dera seu afastamento emocional em relação à mãe. Aqui foram úteis os vários encontros entre Sam e sua irmã mais velha, durante os quais eles discutiram sua infância e seus relacionamentos passado e atual um com o outro e com seus pais. Lillian foi instada a não socorrer Sam e proporcionar-lhe o espaço emocional necessário para lidar com sua mãe. Uma vez que era tão difícil para ela não responder às necessidades dos outros, foi sugerido que ela saísse de casa de vez em quando, "esquecendo-se" do jantar e de outras tarefas domésticas, e que se inscrevesse em vários seminários relacionados ao trabalho. Foi discutida a crescente responsabilidade de Laura em relação à mãe, juntamente com sua próprias ambições de vida. Sam foi encorajado a passar mais tempo com ela para ajudá-la nos arranjos relativos à faculdade, uma vez que a única pessoa que já demonstrara interesse por essa área fora a mãe. Em uma sessão, a avó falou a respeito de sua vida, a respeito de como tivera de trabalhar desde muito jovem e de como ela e o marido haviam cuidado juntos de um armazém, até que ele morrera e ela tivera de prosseguir sozinha. Parte do ressentimento de Sam em relação à mãe tinha a ver com ela não estar disponível como as mães de seus amigos, e ao seu sentimento de que ela não se importava com ele. Isso

foi discutido em relação aos mitos sobre as mães e como qualquer coisa menos do que um cuidado perfeito, global e totalmente generoso é considerada negligência.

As importunações de Emily em relação a Sammy também foram exploradas. Seu interesse maior era a arte, o que ela considerava "frívolo", e ela sentia que ele precisava de supervisão para ter um bom desempenho acadêmico. Isso foi discutido com a família, em relação às rígidas expectativas de nossa cultura para as meninas e os meninos; a mudança de seus padrões foi colocada como uma indicação de sua flexibilidade e força como família. Um importante objetivo geral da terapia, atualmente, passa a ser o reequilíbrio dos padrões assimétricos dos cuidados entre os cônjuges, não apenas em relação aos filhos, mas, como neste caso, no manejo da terceira geração.

## DIVÓRCIO E RECASAMENTO

O divórcio e o recasamento são os dois pontos, na vida da família, em que os dilemas das mulheres em nossa cultura ficam mais evidentes (veja também os capítulos 15, 16, 17). Dada a situação desigual e insatisfatória de muitas mulheres no casamento, não surpreende que elas se divorciem com tanta freqüência; mas os arranjos de nossa sociedade relativos ao divórcio estão levando cada vez mais mulheres e seus filhos a um nível abaixo da pobreza. Com a recente tendência à custódia conjunta após o divórcio, surgem muitas questões complexas para as mulheres. Até muito recentemente na história humana, as mulheres jamais recebiam a custódia após um divórcio. Elas não tinham nenhum direito legal; elas pertenciam aos maridos, assim como os filhos. Gradualmente, desenvolvemos um sistema em que a custódia ia para as mães, a menos que houvesse uma forte razão em contrário. Atualmente, muitas pessoas estão buscando uma forma de custódia conjunta, mas vários grupos feministas opõem-se a isso como não visando os melhores interesses das mulheres. O argumento é o de que as mulheres, de qualquer forma, continuam a ter a suprema responsabilidade pelos filhos, enquanto perdem parte do pequeno controle que tinham com a custódia única, através de seu direito a receber suporte financeiro.

Em nossa opinião, a custódia conjunta é um conceito extremamente importante para os homens e para as mulheres, mas ainda mais para os filhos. A dificuldade é que os homens, que têm pouca prática nos cuidados às crianças durante o casamento, têm dificuldade para aprenderem a compartilhar a real responsabilidade pelos filhos depois do divórcio. Os homens, e seus empregadores, tendem a considerar suas responsabilidades de trabalho como primárias, e o cuidado às crianças como secundário. Assim, se uma criança está doente ou ambos os pais precisam sair, geralmente é a mãe que tem de fazer os arranjos extras. E, porque elas estão trabalhando, as mães perdem a oportunidade de estar com seus filhos em tempo integral. Entretanto, existe um valor positivo na modificação dos papéis exigida pela custódia conjunta após o divórcio. Ela permite às mães algum tempo para si mesmas, e, especialmente quando o marido tem contato durante as noites com os filhos, ela o envolve nas responsabilidades dos cuidados básicos, tais como escolher roupas, supervisionar a escovação dos dentes e levar as crianças para a escola — o que, por sua vez, aumenta a probabilidade de uma intimidade genuína e contínua com eles, ao invés de mantê-lo num papel de pai-de-domingo. A pesquisa atual documenta claramente a importância, para a criança, do contato contínuo com ambos os pais, e a insuficiência, especialmente no caso das crianças pequenas, de ver o pai somente em fins de semana alternados.

Em termos clínicos, é extremamente importante não ignorar o pai, mesmo que ele não seja ativo na estrutura doméstica ou no quadro familiar. Ao mesmo tempo, é importante não invalidar a mãe, supondo que o pai deva ser envolvido na presente situação. Conforme Herz Brown (capítulo 16) recomenda, é importante entrar num sistema familiar de lar de progenitor solteiro através da mãe, e acionar, com muito respeito, sua responsabilidade e poder em relação ao engajamento do ex-marido.



As famílias recasadas criam situações particularmente difíceis para as mulheres. A mais difícil de todas as posições familiares provavelmente é o papel de madrasta. Dadas as altas expectivas de nossa cultura em relação à maternidade, a mulher que substitui uma mãe "perdida" entra numa situação carregada de expectativas tão altas que nem Deus poderia satisfazer. Uma das maiores intervenções é a de remover a carga de culpa da madrasta por não ser capaz de realizar o impossível: assumir os cuidados maternos por filhos que não são seus. Nossa orientação geral é a de deixar os encargos dos filhos com o progenitor natural, por mais difícil que isso possa ser para um pai que trabalha em tempo integral e sente não ter nenhuma experiência com a "maternagem". O problema, para a madrasta, é extremamente pungente, uma vez que ela normalmente é a pessoa mais sensível às necessidades dos outros, sendo extremamente difícil para ela assumir uma posição secundária enquanto vê seu marido lutar desajeitadamente com uma situação desconfortável. O fato é que ela não tem alternativa. As tendências das mulheres de assumirem a responsabilidade pelos relacionamentos familiares, e de acreditarem que aquilo que vai mal é culpa delas, e que se elas tentassem bastante as coisas dariam certo, são os maiores problemas para elas nas famílias recasadas, uma vez que a situação envolve tantas complexidades, ambigüidades, conflitos de lealdade e problemas de associação inerentes.

## AS MULHERES E SUAS REDES DE AMIZADE

A amizade constitui um recurso extremamente importante para as mulheres durante toda a vida (Rubin, 1985; Pogrebin, 1987). As mulheres costumam ter amizades mais íntimas, mas os relacionamentos que têm muitas vezes não são validados pala sociedade mais ampla (Bernard, 1981). Os homens podem ter conhecidos com os quais passam o tempo, mas nenhum amigo íntimo em quem confiem. Schydlowsky (1983) demonstra que a importância das amizades íntimas femininas das mulheres diminui da adolescência para a idade adulta, conforme elas centram-se em encontrar um companheiro e estabelecer um casamento, e depois aumenta por todo o restante do ciclo de vida. As amizades femininas íntimas foram relatadas como mais importantes do que as amizades masculinas íntimas, e estão em segundo lugar, depois da boa saúde, em importância para a satisfação de vida.

Talvez a socialização torne as mulheres capazes de desenvolverem amizades profundas e sem fronteiras, ao passo que os homens ficam mais inibidos nesse tipo de contato íntimo. Talvez pelo fato de a identidade masculina ser parcialmente estabelecida pelo repúdio da sua identificação com a mãe, suas fronteiras são mais cerradas e mais impenetráveis. Além disso, parece haver uma forte homofobia masculina americana que inibe a intimidade entre os homens. Levinson (1978), Valliant (1977) e Weiss (1985) descobriram que, para os homens, a amizade era amplamente notável pela ausência.

Nós insistimos para que os membros da família respeitem a necessidade de ambos os sexos de cultivarem sistemas de amizade fora da família e se afastem do padrão tradicional em que as mulheres organizam o programa social das atividades do casal em torno dos associados de negócios do marido. Em tais situações, é esperado que as mulheres façam amizades não baseadas nos interesses pessoais, mas porque seus maridos desejam cultivar certos contatos. Nesses arranjos tradicionais, espera-se que as mulheres substituam as amizades sempre que o trabalho dos maridos torne necessária uma mudança de residência. Tais arranjos não respeitam a importância da amizade como um apoio básico durante todo o ciclo de vida, e confundem a rede profissional com amizade.

## LÉSBICAS

As lésbicas tendem a ser percebidas como adolescentes não-lançadas, independentemente de sua idade (Krestan & Bepko, 1980). Uma importante questão clínica ao trabalharmos com elas é ajudá-las a lidarem com suas famílias de origem em relação ao seu estilo de vida lésbico, de modo que as famílias possam respeitar suas fronteiras de subsistema e elas não sintam a necessidade de se distanciar reativamente da família. Negociar uma maneira de manter um senso de conexão juntamente com um senso de individualidade é provavelmente o problema mais sério para os casais lésbicos (Roth, 1985). Em face da ausência de reconhecimento, por parte da família ou da sociedade, da tentativa de um casal lésbico de definir fronteiras, as fronteiras de casal podem tornar-se rígidas, empurrando-as para uma fusão e criando um sistema cada vez mais fechado (Krestan & Bepko, 1980). Vários problemas específicos criam dificuldades para os casais lésbicos, em particular o fato de não terem "eventos assinaladores", tais como cerimônias de casamento ou o nascimento de filhos, para definir sua mudança de *status*, como outros casais têm no casamento (Roth, 1985). Outras transições de ciclo de vida também tendem a ser problemáticas, tais como a aposentadoria, doença séria ou morte, em que a desqualificação do casal pela sociedade mais ampla pode levar a cerimônias em que elas precisem disfarçar seus sentimentos e relacionamentos, intensificando assim seus problemas, ao invés de promover um senso de continuidade e conexão.

Além disso, o relacionamento com a sua comunidade provavelmente será influenciado pela extensão com que elas "tornarem-no público". Elas podem ficar bastante isoladas de sua comunidade profissional e social se não forem honestas, e podem ser pressionadas de várias maneiras dentro da comunidade lésbica se o forem (Roth, 1985). Lidar com a questão de "tornar público" é um aspecto individual e interpessoal importante do desenvolvimento dos casais lésbicos (Roth, 1985). Elas precisam lidar com a conseqüente perda de *status* em resultado de sua orientação sexual, se forem francas, e com um senso de alienação, se mantiverem segredo sobre seu relacionamento mais importante. Em razão da atitude cultural negativa em relação à homossexualidade, o estilo de vida de tais casais torna-se mais do que uma escolha de amor ou parceira sexual. O necessário segredo com seus empregadores sobre seus relacionamentos, por exemplo, pode forçá-las a um contexto de funcionamento muito mais fechado e rígido.

Por outro lado, um estudo recente demonstrou que os casais lésbicos são o único grupo em que o dinheiro não determina o equilíbrio de poder (Blumstein & Schwartz, 1983), e essa força pode ser salientada nas intervenções terapêuticas.

## SAÚDE E DOENÇA: PADRÕES DO COMPORTAMENTO RELATIVO AOS CUIDADOS COM A SAÚDE

As mulheres tendem, muito mais do que os homens, a se definirem como pacientes e a buscarem ajuda. Em termos práticos, o padrão tem sido o de as mulheres procurarem a ajuda de médicos do sexo masculino, tanto para problemas físicos quanto emocionais. Os homens tendem a evitar procurar ajuda e, assim, é muito mais provável que se tornem pacientes somente quando seus problemas ficaram sérios e requerem hospitalização, ao passo que é muito mais provável que as mulheres recebam ajuda numa base de não-internação. Os cuidados informais à saúde sempre foram exercidos pelas mulheres. Elas cuidavam dos filhos, maridos e pais; elas serviam de enfermeiras e visitavam os doentes e os agonizantes. Agora que a maioria das mulheres está na força de trabalho, essa não pode mais ser uma suposição automática. Além disso, os níveis de menor remuneração e *status* do sistema formal



de saúde — enfermagem e serviço social — sempre foram ocupados primariamente pelas mulheres. Com mais mulheres buscando carreiras de alto *status* na medicina e em outros campos, muitas das mulheres mais capazes não estão disponíveis para prestar serviços de saúde de nível mais baixo.

É difícil predizer o que acontecerá ao sistema de saúde na medida em que as mulheres se recusarem a desempenhar o papel de servidora e provedora não-remunerada e os clientes se recusarem a ou forem incapazes de pagar os altos custos de um sistema de saúde que não atende às suas necessidades. Nós esperamos que o valor da prestação de serviços aumente, juntamente com os valores que as mulheres deveriam desenvolver, mas que têm sido desvalorizados na cultura mais ampla: importar-se, relacionar-se e ser sensível aos outros.

Também é interessante especular sobre o que acontecerá se as mulheres deixarem de definir seus problemas de uma maneira que as torne os recipientes da instituição masculina de cuidados: como mulheres deprimidas, ansiosas, fóbicas ou anoréxicas. Muito já foi falado sobre os determinantes culturais desses problemas, e as mudanças estão acontecendo gradualmente. As mulheres, esperamos, começarão a redefinir suas vidas. Em vez de se sentirem ansiosas e deprimidas quando não estão felizes numa vida de abnegação e atenção com os outros, elas podem começar a avaliar as inconsistências sociais e as exigências irracionais que lhes são feitas. Elas podem aprender a mudar suas vidas, em vez de tentar adaptar-se às circunstâncias. Os homens também, esperamos, irão recusar-se a continuar pagando o terrível preço, em termos físicos e emocionais, pelos valores de uma cultura que exige que ignorem seus sentimentos e necessidades de relacionamento.

## TERAPIA FAMILIAR

Como foi discutido anteriormente, o campo da terapia familiar tendia a aceitar teorias desenvolvimentais e sistêmicas gênero-tendenciosas, campo este resultante do trabalho predominantemente com idéias a respeito de comportamento e relacionamentos derivadas de e centradas nos homens (Wiener & Boss, 1985). Muitas vezes, as mulheres que atendemos se valorizam unicamente a partir da aprovação de fontes externas, primariamente masculinas, e têm pouca noção de seu próprio valor. Conforme Weiner e Boss colocam, "Como as severas necessidades de dependência e ausência de autodesenvolvimento nas mulheres refletem a tradicional socialização de papel de gênero, as explicações superficiais e circulares deste fenômeno refletem a ausência de modelos de desenvolvimento e saúde mental apropriados, centrados na mulher" (página 15).

Weiner e Boss recomendam quatro maneiras específicas para fortalecer o desenvolvimento de novas estruturas e teorias conceituais baseadas na mulher:

1. Esclarecer os componentes socioculturais e históricos da educação nos campos da saúde mental.
2. Estabelecer critérios de sensibilidade aos papéis de gênero na supervisão, treinamento e consulta.
3. Atualizar e corrigir informações negativas e insubstanciadas a respeito do desenvolvimento feminino.
4. Obter evidências empíricas sobre o desenvolvimento psicossocial das mulheres.

A isso, nós gostaríamos de acrescentar algumas condições específicas acerca do tratamento, sugerir aos terapeutas maneiras de mudar para uma terapia sensível ao gênero, uma vez que, como foi discutido por Rampage e seus colegas (1986), ou estamos fazendo uma terapia familiar feminista ou uma terapia familiar sexista (dei-

xando de responder às desigualdades nas famílias baseadas no gênero). Não existe meio-termo. Desnecessário dizer, proselitismo e discursos bombásticos são as maneiras menos efetivas de conseguir progresso terapêutico, e o terapeuta deve introduzir perspectivas alternativas sem discursos políticos.

- Prestar atenção à renda e às oportunidades de trabalho do marido e da esposa em uma família, e às implicações para o equilíbrio de poder em seu relacionamento.
- Prestar atenção à força física relativa de homens e mulheres em uma família, e ao impacto de qualquer intimidação física ou incidente de abuso físico, mesmo que passado, como um regulador da balança do equilíbrio de poder entre os cônjuges.
- Fazer com que os membros da família examinem aquilo de que gostam e não gostam com relação a ser homem e mulher.
- Ajudar a família a esclarecer as regras através das quais os papéis masculinos e femininos na família, na educação e no trabalho são escolhidos e recompensados.
- Ajudar a família a esclarecer as regras referentes a quem toma quais decisões, quem maneja as finanças, quem maneja as questões legais, quem maneja as questões emocionais, quem presta cuidados e quem limpa o banheiro.
- Colocar em contexto as atitudes familiares em relação aos papéis masculinos e femininos, esclarecendo as questões políticas, sociais e econômicas mais amplas do divórcio, envelhecimento e criação dos filhos, e encorajando as famílias a se educarem com relação a essas questões.
- Incitar as mulheres a aceitarem e buscarem valores "masculinos" não é a solução para os problemas de impotência feminina. É importante validar o foco feminino nos relacionamentos, ao mesmo tempo em que você lhes dá poder nas áreas de trabalho e dinheiro.
- Ser sensível ao alto preço que os homens talvez tenham de pagar se modificarem sua orientação na direção do sucesso e derem uma prioridade maior aos relacionamentos, cuidados e expressividade emocional.

Nós também esperamos que sejam realizadas mais pesquisas sobre as diferenças de gênero para os terapeutas do sexo masculino e feminino, em diferentes estágios de ciclo de vida, que trabalham com diferentes membros da família. A pouca evidência que temos até o momento sugere que existem diferenças significativas na maneira como os homens e as mulheres da família se relacionam com as terapeutas, especialmente as terapeutas jovens (Warburton e Alexander, no prelo) e na maneira como elas percebem a si mesmas e ao seu trabalho (Woodward e colaboradores, 1981).

## CONCLUSÕES

Nós acreditamos que o sistema patriarcal que tem caracterizado nossa cultura empobreceu tanto os homens quanto as mulheres, e antecipamos um ciclo de vida em modificação, no qual os homens e as mulheres serão livres para se desenvolverem igualmente dentro e fora da família. Esperamos que a terapia familiar possa tornar-se uma força que estimule mudanças adaptativas no desenvolvimento humano, para permitir maior amplidão, tanto para os homens quanto para as mulheres, em suas maneiras de relacionar-se com seus parceiros e com seus iguais, em sua conexão intergeracional e em sua atitude em relação ao trabalho e à comunidade. Não acreditamos que o aspecto relacional e emocionalmente expressivo do desenvolvimento seja intrínseco às mulheres. Vemos a romantização dos valores "femininos" como inadequada e inútil às famílias (Hare-Mustin, 1983). Também não é suficiente que as mulheres adotem os valores "masculinos" da cultura dominante e desvalorizem aqueles que têm sido, tradicionalmente, os valores "femininos".



Buscamos uma teoria da família e do desenvolvimento individual em que tanto os aspectos instrumentais quanto os relacionais de cada indivíduo sejam estimulados. A perspectiva "feminina" tem sido tão desvalorizada que precisa ser salientada, conforme Miller (1976), Gilligan (1982), Friedan (1981), Belenky e colaboradores (1986) e outros estiveram fazendo.

Está claro que os tradicionais padrões de casamento e família não funcionam mais para as mulheres, e as estatísticas revelam sua insatisfação. Em nossa opinião, somente quando tivermos desenvolvido um novo equilíbrio não baseado na hierarquia familiar patriarcal é que esses padrões irão mudar.

A dicotomia entre as esferas de "expressividade emocional" e "instrumental", e a desvalorização e relegação da primeira às mulheres custaram muito caro para todos os membros da família, homens e mulheres igualmente. Nós acreditamos que é a socialização das mulheres que as torna "intuitivas", e que os homens poderiam ser criados para serem igualmente sensíveis se os nossos padrões de educação fossem modificados para incluir isso como um valor desejável. Acreditamos que o nosso mundo precisa avaliar ambas as perspectivas e buscar uma sociedade em que os homens e as mulheres tenham ambas as capacidades: funcionar autonomamente e ser íntimo. Básica nessa mudança é a noção de que a nutrição não seria a província unicamente da mulher e de que o trabalho e o dinheiro não seriam uma esfera controlada exclusivamente pelo homem.

## BIBLIOGRAFIA


Aguirre, B.E. (1985). Why do they return? Abused wives in shelters. *Social Work* 30(3):350–354.

Alexander, J., Warburton, J., Waldron, H., & Mas, C.H. (1985). The misuse of functional family therapy: A non-sexist rejoinder. *Journal of Marital and Family Therapy*, 11(2):139–144.

Apter, T. (1985). *Why women don't have wives: Professional success and motherhood*. New York: Schocken Books.

Avis, J. (1985). The politics of functional family therapy: A feminist critique. *Journal of Marital and Family Therapy* 11(2):127–138.

Baruch, G., Barnett, R., & Rivers, C. (1983). *Lifeprints: New patterns of love and work for today's women*. New York: New American Library.

Baruch, G., & Barnett, R.C. (1983). Adult daughters' relationships with their mothers. *Journal of Marriage and the Family* Aug.: 601–606.

Baruch, G.K., Biener, L., & Barnett, R.C. (1987). Women and gender in research on work and family stress. *American Psychologist* 42(2):130–136.

Belenky, M.F., Clinchy, B.M., Goldberger, N.R., & Tarule, J.M. (1986). *Women's ways of knowing*. New York: Basic Books.

Belle, D. (1982). The stress of caring: women as providers of social support. In L. Goldberger & Shlomo Breznitz (Eds.), *Handbook of stress*. New York: Free Press, pp. 496–505.

Berheide, C.W. (1984). Women's work in the home: Seems like old times. *Marriage and Family Review* 7(3):37–50.

Bernard, J. (1975). *Women, wives and mothers: Values and options*. New York: Aldine.

Bernard, J. (1982). *The future of marriage*. New Haven, Conn: Yale University Press.

Bernard, J. (1981). *The female world*. New York: Free Press.

Bianchi, S.M., & Spain, D. (1985). *American women in transition*. New York: Russell Sage.

Blumstein, P., & Schwartz, P. (1983). *American couples: Money, work, sex*. New York: William Morrow.

Brodsky, A.M., & Hare-Mustin, R.T., Eds. (1980). *Women and psychotherapy*. New York: Guilford Press.

Brody, E.M. (1981). Women in the middle and family help to older people. *The Gerontologist* 21:471–80.

Broverman, I.K., Vogel, S.R., Broverman, D.M., Clarkson, F.E., & Rosenkrantz, P.S. (1972). Sex-role stereotypes: A current appraisal. *Journal of Social Issues* 28(2):59–78.

Broverman, I.K., Broverman, D.M., Clarkson, F.E., Rosenkrantz, P., & Vogel, S.R. (1970). Sex-role stereotypes and clinical judgments of mental health. *Journal of Consulting Psychology* 43:1–7.
Caplan, P.J., & Hall-McCorquondale, I. (1985). Mother-blaming in major clinical journals. *American Journal of Orthopsychiatry* 55(3):345–353.
Chodorow, N., & Contratto, S. (1982). The fantasy of the perfect mother. In B. Throne (Ed.), *Rethinking the family: Some feminist questions.* New York: Longman.
Cohler, B., & Lieberman, M. (1980). Social relations and mental health among three European ethnic groups. *Research on Aging* 2:445–469.
Cowen, C.P., et al. (1985). Transitions to parenthood: His, hers, and theirs. *Journal of Family Issues* 6(4):451–481.
*Current Population Reports.* Oct. 1981:20, 365.
Daniels, P., & Weingarten, K. (1983). *Sooner or later: The timing of parenthood in adult lives.* New York: Norton.
Devanna, M.A. (1984). *Male/female careers—The first decade: A study of MBAs.* New York: Columbia University Graduate School of Business.
Dinnerstein, D. (1976). *The mermaid and the minotaur.* New York: Harper & Row.
Doherty, W.J., & Baldwin, C. (1985). Shifts and stability in locus of control during the 1970's: Divergence of the sexes. *Journal of Personality and Social Psychology* 48(4): 1048–1053.
Dohrenwend, B.S. (1973). Social status and stressful life events. *Journal of Personal and Social Psychiatry* 28:225–235.
Erikson, E. (1968). *Identity: Youth and crisis.* New York: Norton.
Erikson, E. (1963). *Childhood and society* (2nd ed.). New York: W.W. Norton.
Ferree, M.M. (1984). The view from below: Women's employment and gender equality in working class families. *Marriage and Family Review* 7:3–4.
Foster, S.W., & Gurman, A.S. (1984). Social change and couples therapy: A troubled marriage. In C. Nadelson & D. Palonsky (Eds.), *Contemporary marriage.* New York: Guilford Press.
Fox, M.F., & Hesse-Biber, S. (1984). Women at work. Mayfield Publishing Company.
Friedan, B. (1985). How to get the women's movement moving again. *New York Times Magazine,* Nov. 3.
Gilligan, C. (1982). *In a different voice.* Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
Goldner, V. (1985). Feminism and family therapy. *Family Process* 24(1):31–48.
Goleman, D. (1986). Two views of marriage explored: His and hers. *New York Times* 135:19 (Apr. 1).
Gove, W.R. (1972). The relationship between sex roles, marital status and mental illness. *Social Forces* 51:34–44.
Hare-Mustin, R.T. (1978). A feminist approach to family therapy. *Family Process* 17:181–194.
Hare-Mustin, R.T. (1983). Psychology: A feminist perspective on family therapy. In E. Haber (Ed.), *The women's annual: 1982–83.* Boston: G.K. Hall, pp. 177–204.
Hare-Mustin, R.T. (1987). The problem of gender in family therapy. *Family Process* 26(1):15–27.
Hartman, A. (1987). Personal communication.
Hess, B.B. (1985). Aging policies and old women: The hidden agenda. In A.S. Rossi (Ed.), *Gender and the life course.* New York: Aldine.
Hess, B.B., & Soldo, B.J. (1984). The old and the very old: A new frontier of age and family policy. Presentation at annual meeting of the American Sociological Society, San Antonio, Texas.
Hesse-Biber, S., & Williamson, J. (1984). Resource theory and power in families: Life cycle considerations. *Family Process* 23(2):261–278.
Hewlett, S.A. (1985). *A lesser life.* New York: Morrow.
Hoffman, L.W. (1972). Early childhood experiences and women's achievement motives. *Journal of Social Issues* 28(2):129–155.
Hoffman, L.W. (1974). Effects of maternal employment on the child: A review of the research. *Developmental Psychology* 10(2):204–228.
Horner, M.S. (1972). Toward an understanding of achievement-related conflicts in women. *Journal of Social Issues* 28:157–175.
Huston, T. (1983). Developing close relationships: Changing patterns of interaction between pair members and social networks. *Journal of Personality and Social Psychology* 44(5):964–976.



James, K. (1985). Breaking the chains of gender: Family therapy's position. *Australian Journal of Family Therapy* 5(4):241–248.
Kagan, J. (1984). *The nature of the child.* New York: Basic Books.
Kagan, J., & Moss, H.A. (1962). *Birth to maturity.* New York: Wiley.
Kessler, R.C., & McLeod, J.D. (1984). Sex differences in vulnerability to undesirable life events. *American Sociological Review* 49:620–631.
Kessler, R.C., & McRae, J.A. (1984). A note on the relationships of sex and marital status with psychological distress. In J. Greenley (Ed.), *Community and mental health. Vol. III.* Greenwich, Conn.: JAI.
Krestan, J., & Bepko, C. (1980). The problem of fusion in the lesbian relationship. *Family Process* 19:277–290.
Lang, A.M., & Brody, E.M. (1983). Characteristics of middle-aged daughters and help to their elderly mothers. *Journal of Marriage and the Family* 45:193–202.
Lerner, H. (1985). *The dance of anger.* New York: Harper & Row.
Lever, J. (1976). Sex differences in the games children play. *Social Problems* 23:478–487.
Levinson, D. (1978). *The seasons of a man's life.* New York: Knopf.
Lewis, M. Feiring, C., & Kotsonis, M. (1984). The social network of the young child. In M. Lewis (Ed.), *Beyond the dyad: The genesis of behavior series* (Vol. 4). New York: Plenum.
Lewis, M., & Weintraub, M. (1974). Sex of parent x sex of child: Socioemotional development. In R.D. Friedman, R.M. Richart, & R.C. Vandewiele, (Eds.), *Sex differences in behavior.* New York: Wiley.
Maccoby, E.E., & Jacklin, C.H (1974). *The psychology of sex differences.* Stanford, Calif.: Stanford University Press.
McGoldrick, M. (1987). On reaching mid-career without a wife. *The Family Therapy Networker* 11(3):32–39.
McGoldrick, M., Anderson, C., & Walsh, F. (Eds.). (in press) *Women in Families and Family Therapy.* New York: Norton.
Miller, J.B. (1976). *Toward a new psychology of women.* Boston: Beacon.
Padan, D. (1965). Intergenerational mobility of women: A two-step process of status mobility in a context of a value conflict. Tel Aviv, Israel: Publication of Tel Aviv University.
Piotrkowski, C.S., Repetti, R.L. (1984). Dual-earner families. *Marriage and Family Review* 7:3–4.
Pogrebin, L.C. (1987). *Among friends.* New York: McGraw-Hill.
Pollit (1986). *New York Times.*
Rampage, C., Halsted, C., Goodrich, T.G., & Ellman, B. (1986). Panel on Feminism and Family Therapy. Networker Symposium. Washington D.C. March 21.
Rawlings, S.W. (1983). Household and family characteristics: March 1982. *Current Population Reports,* Series P 20 (381). Washington, D.C.: U.S. Bureau of the Census.
Richardson, L. (1986). *The new other woman.* New York: Free Press.
Romer, N. (1981). *The sex-role cycle: Socialization from infancy to old age.* New York: McGraw-Hill.
Rossi, A. (1980). Life-span theories and women's lives. *Signs* 6:4–32.
Roth, S. (1985). Psychotherapy with lesbian couples: Individual issues, female socialization and the social context. *Journal of Marital and Family Therapy* 11(2):273–286.
Rubin, L. (1985). *Just friends.* New York: Harper & Row.
Saluter, A.F. (1983). Marital status and living arrangements: March 1982. *Current Population Reports,* Series P-20 (380). Washington, D.C.: Bureau of the Census.
Sassen, G. (1980). Success anxiety in women: A constructivist interpretation of its sources and its significance. *Harvard Educational Review* 50:13–25.
Schydlowsky, B.M. (1983).
Sternberg, R. (1984). The nature of love. *Journal of Personality and Social Psychology* 47(2):312–329.
Strube, M.J., & Barbour, L.S. (1984). Factors related to the decision to leave an abusive relationship. *Journal of Marriage and the Family* 46(4):837–844.
Taggert, M. (1985). The feminist critique in epistemological perspective: Questions of context in family therapy. *Journal of Marital and Family Therapy* 11(2):113–126.
Thorne, B. (1982). *Rethinking the family: Some feminist questions.* New York: Longman.
Valliant, G.E. (1977). *Adaptation to life.* Boston: Little, Brown.
Warburton, J., & Alexander, J. (In press). Sex of client and sex of therapist: Variables in a family therapy study. In M. McGoldrick, C. Anderson, & F. Walsh (Eds.), *Women in families and family therapy.* New York: Norton.

Weiner, J.P., & Boss, P. (1985). Exploring gender bias against women: Ethics for marriage and family therapy. *Counseling and Values* 30/1:9–21.
Weiss, R.S. (1985). Men and the family. *Family Process* 24(1):49–58.
Weitzman, L. (1985). *The divorce revolution*. New York: Free Press.
Wheeler, D., Avis, J.M., Miller, L.A., & Chaney, S. (In press). Rethinking family therapy training and supervision: A feminist model. *Journal of Psychotherapy and the Family.*
White, K. (1986). *The Journal of Personality and Social Psychology.*
Woodward, C.A., Santa-Barbara, J., Streiner, D.L., Goodman, J.T., Levin, S., & Epstein, N.B. (1981). Client, treatment, and therapist variables related to outcome in brief, systems-oriented family therapy. *Family Process* 20:189–197.